

Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo

Por

IRISALVA NÓBREGA MOITA

I

Com as obras clássicas de Gordon Childe, onde este ilustre prehistoriador procura explicar a origem do neolítico peninsular num centro comum situado no Oriente, atribuindo as diferenças que individualizam os vários ramos culturais, à diversidade do ambiente geológico, a tese orientalista, relativamente à cultura dolménica ocidental, conquistou muitos adeptos, entre os quais figuram os nomes mais reputados da moderna arqueologia espanhola, como os Professores St.^a Olalla, Martin Almagro e, um pouco mais moderadamente, o Professor Luís Pericot.

No entanto, quer a infiltração oriental chegue ao ocidente da Península por mar, através das embocaduras dos rios, como querem os modernos arqueólogos, quer por terra, como na teoria clássica, não me parece que o problema da origem e evolução da cultura dolménica ocidental, deva continuar posto da forma simplista por que tem sido encarado até aqui.

Em 1927, Bosch Gimpera, contra a vaga orientalista, afirma uma atitude ocidentalista com fundamento na originalidade da cultura dolménica portuguesa.

Modernamente, a tese ocidentalista, foi, de novo, retomada com grande entusiasmo pelo Professor Manuel Heleno que, durante dez anos, procedeu a escavações de monumentos megalíticos na região portuguesa do Alentejo.

Este ilustre investigador, porém, ainda que com Bosch Gimpera defenda a originalidade da cultura dolménica portuguesa, não concorda com o arqueólogo catalão quanto ao foco de irradiação original que, este último, coloca no norte do país.

Para o Professor Manuel Heleno existem vários focos irradiadores da cultura dolménica — pois ela não se restringe à zona ocidental da Península — e fixa um desses focos na província portuguesa do Alentejo. Daqui esta cultura seria levada por via marítima até às costas da Bretanha e Inglaterra ⁽¹⁾.

Com o presente trabalho, baseado em explorações por mim própria realizadas na região alentejana de Pavia e Mora durante os anos de 1952 e 1953, subsidiadas pelo Instituto de Alta Cultura, pretendo concorrer com mais algumas achegas para o esclarecimento deste apaixonante problema do nosso remoto passado.

A forma simplista por que os arqueólogos estrangeiros têm pretendido explicar a cultura megalítica ocidental provém, por um lado, da exploração incompleta da zona em questão e, por outro, devido ao facto de continuarem a fundamentar as suas teorias na obra *El neolítico de Pavia* de Virgílio Correia, obra que, mau grado a categoria do autor, fundamenta-se em escavações apressadas e plantas construídas sem precisão.

ANTAS EXPLORADAS E RESPECTIVO ESPÓLIO

No propósito de continuar a exploração da zona iniciada por Virgílio Correia, cujos resultados foram publicados na citada obra *El Neolítico de Pavia*, e na medida do possível, fazer a sua revisão, ideia que suspendi momentâneamente, mas que não abandonei, comecei os meus trabalhos pela escavação de duas antas situadas na Herdade de Tera, freguesia de Pavia; uma delas, Anta I, ainda que indicada naquela obra, não chegara a ser explorada.

Anta I de Tera (Est. I): Esta anta fica situada na Herdade de Tera, na margem direita do ribeiro do mesmo nome, a uma distância de cerca

⁽¹⁾ Lições proferidas na Faculdade de Letras de Lisboa.

de 500 metros. Fica-lhe, a sul, o Monte do Remendo e, a leste, o Monte de Tera. A pouca distância correm dois fios de água que se juntam para desaguar naquele ribeiro.

É um monumento de pequenas dimensões, com a entrada voltada a E-SE, de câmara poligonal e pequeno corredor baixo.

Apresenta-se em bom estado de conservação, faltando-lhe apenas um dos esteios da câmara, à direita da pedra mestra. A entrada encontrava-se meio disfarçada por uma moita de rebentos de azinheira que ali se desenvolvera.

A câmara, em forma de tronco de pirâmide, mede 2,25 m de diâmetro N-S, por 2,20 m de diâmetro E-O e uma altura central, depois de escavada e nivelada, de 1,80 m; é constituída actualmente por seis esteios (primitivamente contava sete). O chapéu, uma grande lage, assenta sobre quatro esteios e ultrapassa a circunferência determinada por eles, inclinando-se levemente no sentido da pedra mestra. A entrada tem forma triangular, fazendo de hipotenusa o último esteio da direita que se inclina sobre o primeiro da esquerda.

O corredor, curto e baixo mede 1,25 m de comprimento, 70 cm de largura e 65 cm de altura; é constituído apenas por três esteios colocados horizontalmente, dois à direita e um à esquerda; antes da escavação, quase completamente desaparecia, envolvido pela mamôa. O chapéu que o cobria encontra-se desviado, tocando apenas no esteio da esquerda.

A mamôa que se confunde com a inclinação natural do terreno, ocupa uma área de 17 m de diâmetro, por uma altura, acima do nível natural, de 87 cm.

A câmara mostrava indícios de ter sido utilizada, talvez como dormitório, pelos pastores e, muitas vezes certamente, teria servido de resguardo aos trabalhadores durante a tempestade. Daí o chão interior ao monumento encontrar-se levemente rebaixado em relação à mamôa.

O terreno é granítico, sendo muito abundantes nas proximidades as espécies constitutivas daquela rocha.

Aberta uma trincheira para a verificação da estratigrafia e verificando-se a ausência desta, procedemos à escavação, removendo a terra por camadas de 25 cm até uma profundidade de cerca de 1,50 m ⁽²⁾.

(2) Este processo, por idênticas razões, foi utilizado nos momentos subsequentes.

Espólio: Verificou-se no decorrer dos trabalhos que o monumento já havia sido violado, daí o seu espólio reduzido e o facto de não ter sido encontrado nenhum exemplar cerâmico completo. Além de alguns fragmentos de cerâmica lisa, de pasta carbonizada, encontraram-se mais os seguintes objectos (Est. VII) :

- 1 — Fragmento de faca de sílex de secção trapezoidal.
- 2 — Sílex trapezoidal de secção também trapezoidal. Bordo transversal retocado.
- 3 — Pequeno fragmento de faca de cristal de rocha.
- 4 — Machado de pedra polida (imperfeitamente), de formato trapezoidal. Uma das faces maiores levemente convexa; a outra, plana e talhada em bisel junto do gume. Este mais ou menos rectilíneo; lado oposto convexo. Secção irregular (em parte sub-rectangular). Dimensões: $0,0688 \times 0,043$ — $0,0214 \times 0,0178$.
- 5 — Goiva de pedra completamente polida. Secção central sub-quadrangular. Um dos topos chanfrado; o outro aguçado. Dimensões: $0,1137 \times 0,0215 \times 0,019$.

Anta II da Herdade de Tera (Est. II): Esta anta que não se encontra indicada na relação de Virgílio Correia, apresenta indícios de ter sido violada, ou mesmo escavada, por algum curioso.

Como, porém, não nos consta da sua publicação nem planta, resolvemos apresentá-la também na nossa relação ⁽³⁾.

Como a anta anterior, também esta fica situada na Herdade de Tera, na margem esquerda da ribeira e a cerca de 100 metros desta. A nascente fica-lhe o Monte da Caeira e a N-NO o Monte de Tera. Este último dista do monumento cerca de 300 metros.

A planta deste monumento aproxima-o mais das antas da antiga Herdade da Figueira — hoje incorporada na de Tera — exploradas por Virgílio Correia, do que da Anta I da mesma Herdade.

A câmara é rectangular medindo 1,37 m de largo por 2,10 m de comprido e continua-se por um corredor muito levemente mais estreito, ficando-lhe assim no prolongamento o que lhe dá uma aparência de galeria. A entrada tem a direcção E-SE. É constituído por 10 esteios, pertencendo sete à câmara e três ao corredor — um deles situado à direita e dois à esquerda. Um dos chapéus da câmara (devia ter mais do que um) encontra-se removido para cima da mamôa, tocando apenas os pri-

⁽³⁾ Interrogados os trabalhadores da Herdade se tinham conhecimento de alguma escavação naquele local, não obtivemos resposta concludente.

meiros esteios da câmara, à direita. A entrada da câmara encontra-se obstruída por um megálito colocado de cutelo com uma das faces decorada com petroglifos e covinhas.

Sobre a mamôa, dispersos, vêm-se vários megálitos que deviam ter pertencido ao mesmo monumento.

Da escavação que foi fácil, por a terra se apresentar muito solta, como já anteriormente referimos, e que levamos até uma profundidade de cerca de metro e meio, resultou um espólio nulo, com excepção de alguns fragmentos de cerâmica lisa, carbonizada.

Depois de visitarmos os monumentos desta Herdade e das suas vizinhas e de os compararmos com os resultados publicados por Virgílio Correia, mais se nos arreigou a convicção de que toda a zona explorada por aquele investigador, necessita de uma revisão. Como, de momento, não foi possível empreender tal trabalho, abandonei esta região pela de Mora, região ainda virgem, onde conto seis monumentos explorados e mais dois apenas reconhecidos.

Anta da Herdade do Montinho de Cima (Est. III, n.º 1): Fica situado este pequeno monumento, já violado, na Herdade do Montinho de Cima, na margem esquerda da estrada que leva de Móra ao Cabeção e a nordeste do respectivo Monte e da vila de Móra da qual dista cerca de 3 quilómetros.

Antes da escavação apenas eram visíveis quatro esteios dispostos irregularmente, três dos quais apenas afloravam a mamôa. Com o decorrer dos trabalhos, porém, mais dois esteios foram postos a descoberto, um deles, esteio *b*, entre o esteio *a* e o esteio *c*, e um outro, esteio *f*, deitado horizontalmente, um pouco acima do chão virgem. Mais ou menos na mesma altura, encontramos uma moeda do reinado de D. José I, o que indica que a violação do monumento ter-se-ia dado por essa época.

A terra, a partir de uma certa profundidade, mostrava indícios de ter sofrido durante muito tempo a acção das águas. Certamente, violado o monumento por algum ambicioso na mira de encontrar os sonhados tesouros, não fora imediatamente aterrado. Daí terem-se acumulado as águas da chuva que, amolecendo a terra, provocaram a queda dos esteios *b* e *f* e a inclinação dos esteios *d* e *e*.

Trata-se, pois, de uma sepultura poligonal irregular, cujos diâmetros N-S e E-O medem respectivamente 1,56 m. por 1,80 m. Não existem vestígios de corredor. O chapéu, grande e espesso — a única parte do monumento que se distingue à distância — está assente sobre a mamôa e levanta-se apoiado sobre o esteio *c*. A entrada volta-se, como de costume, a E-SE.

A mamôa, muito visível, ocupa uma área cujo diâmetro é de cerca de 22 metros, por uma altura de 55 cm. A terra, neste local, é poenta escura, «terra de mouchão».

Espólio: Na camada superficial apenas foi removida terra limpa. A partir da segunda camada até à altura em que se encontraram os esteios derrubados, apareceram grandes fragmentos de cerâmica grosseira, mais ou menos recente. Abaixo deste nível, até ao chão vírgem, a cerca de 2 metros de profundidade, continuamos a encontrar alguns fragmentos insignificantes de cerâmica, lisa e carbonizada.

MONUMENTOS DA HERDADE DA BARROCA:

Fica esta Herdade, pertencente à Misericórdia de Móra, também nos arredores desta vila e é dividida em duas partes pela estrada que parte da Móra para Montargil, antes da bifurcação que se dirige para a vila do Cabeção. Nesta Herdade procedemos à exploração de três pequenos monumentos, duas sepulturas que nos foram indicadas por camponeses da região e cujos esteios foram arrancados quando das obras da estrada, para a pavimentação da mesma, e uma pequena anta.

Sepultura I da Herdade da Barroca (Est. III, n.º 2): Fica situada esta sepultura, de que apenas era visível a mamôa, na Herdade da Barroca, num local sobranceiro a um fio de água que corre para o Raia, na margem esquerda deste último, a sul do Monte da Chaminé e a sudoeste do Monte da Barroca.

Escavado o local onde nos indicaram ter-se levantado o monumento, foram encontrados os restos de quatro esteios, dispostos em rectângulo com 1,91 m de comprido, por 1,56 m de largo. A disposição destes esteios é tal que, não foi possível determinar uma entrada.

O terreno, argiloso neste local, é de difícil escavação. O chão virgem foi alcançado a cerca de 50 cm.

Espólio (Est. VII): Logo abaixo da primeira camada de terra removida, no ângulo formado pelos esteios *b* e *c*, encontraram-se três machados sem vestígios de uso (Est. VII):

- 6 — Machado de pedra ligeiramente recurvado. Formato sub-rectangular. Secção sub-paralelogrâmica. Uma das faces maiores convexa; a outra plana, talhada em bisel junto do gume. Este e o lado oposto também convexos. Uma das faces laterais convexa e a outra côncava. Dimensões: $0,1313 \times 0,0344$ — $0,024 \times 0,0233$.
- 7 — Machado de formato sub-trapezoidal levemente arqueado. Secção oval alongada. Uma das faces maiores bombeada; a outra levemente côncava, talhada em bisel junto do gume; lado oposto convexo. Dimensões: $0,1073 \times 0,0423$ — $0,0188 \times 0,0216$.
- 8 — Machado de pedra em forma de barco, polido apenas na região do gume. Secção sub-rectangular. Lado oposto arredondado. Vestígios de uso. Dimensões: $0,0922 \times 0,0255$ — $0,0217 \times 0,0317$.

E mais os seguintes objectos (Est. VIII):

- 1 — Vaso semi-esférico de cerâmica lisa, de pasta inteiramente carbonizada, muito frágil.
Dim.: $0,10 \times 0,062$.
- 2 — Sílex trapezoidal de secção triangular. Base e bordo transversal retocados.
- 3 e 5 — Fragmentos de lâmina de sílex, de secção trapezoidal. Bordos retocados.
- 4 — Sílex trapezoidal, de secção também trapezoidal. Base maior com uma concavidade retocada. Bordo transversal também retocado.

Sepultura II da Herdade da Barroca: Fica situada esta pequena sepultura, já sem vestígios de esteios, na mesma Herdade da Barroca, na margem direita da estrada que liga Móra a Montargil, a cerca de 500 metros a sul do Monte da Barroca.

Escavado o local que nos foi indicado pelos trabalhadores e junto do qual ainda se encontrava o chapéu, levemente soterrado, chegamos à conclusão, devido às diferenças do terreno virgem e do que fora trabalhado

que se devia tratar de uma pequena sepultura mais ou menos rectangular, com 1,15 m de comprimento por 1,10 m de largo. O chão natural foi atingido a cerca de 80 cm.

A terra neste local, continua argilosa, mas de mais fácil remoção do que a da zona anterior.

Espólio (Est. XVII): Além de pequenos fragmentos de cerâmica grosseira, foram ainda encontrados:

18 — Um fragmento de faca, delgada, de secção trapezoidal, bordos paralelos e aresta retocada.

19 — Uma lasca de sílex notando-se o plano e bolbo de percussão; bordos retocados.

Anta I da Herdade da Barroca (Est. IV): Na mesma Herdade, no ponto mais alto de um pequeno cabeço, sobranceiro ao Raia, cortado abruptamente em relação ao leito do rio, situa-se este pequeno e gracioso monumento. Fica-lhe a NE o Monte da Barroca, distante cerca de 320 metros e, a nascente, o Monte da Chaminé, a cerca de 270 metros.

Tem esta pequena anta uma configuração semelhante à da Anta I da Herdade de Tera, descrita neste trabalho, com uma câmara poligonal com 2,20 m de eixo E-W e 2,90 m de eixo N-S, e um pequeno corredor estreito, com 1,20 m de comprimento, largura inicial de 85 centímetros e terminal de 75 centímetros. A câmara, no seio da qual irrompera um pequeno charro, é constituída apenas por quatro esteios. Os dois que lhe flanqueiam a entrada, *a* e *d*, mostram uma profunda inclinação em relação ao interior ($a=55$ cm; $d=50$ cm); o esteio *b*, de formato paralelepípedo, deslocado da sua posição normal, encontra-se completamente derrubado sobre a mamôa; o esteio *c*, apesar da sua posição erecta, assentava, sem calços, sobre a mamôa. O corredor, rente à mamôa, é constituído por cinco pequenos esteios, dois deles, colocados à direita, e três, à esquerda. Alguns destes esteios reduzem-se a simples calhaus, sem vestígios de preparo. A entrada volta-se a E-SE.

O chão natural foi alcançado apenas a 30 cm de profundidade.

Espólio (Est. XVII) : Além de um fragmento de cerâmica lisa de pasta carbonizada pertencente a um vaso semi-esférico, o espólio deste monumento consta de mais três peças muito interessantes :

20 — Uma mó completa, sendo a dormente de formato aproximadamente rectangular, de acabamento perfeito, com dupla concavidade; sobre uma destas concavidades assentava a mó molente, marmórea, de corpo cilíndrico e topos convexos, gastos pelo uso. As duas peças têm respectivamente as seguintes dimensões: $0,40 \times 0,23 \times 0,093$ e $0,1096 \times 0,0585 \times 0,0558$.

9 — Um machado em forma de barco, polido apenas na região do gume.

MONUMENTOS DA HERDADE DA MOITA:

Prosseguindo as nossas explorações na região de Móra, escavamos mais dois monumentos na Herdade da Moita, situada entre a vila de Móra e a do Cabeção. Um destes monumentos, pelas dimensões, abundância e variedade de material tem um interesse especial. Designaremos estes dois monumentos, respectivamente, por Anta I e Anta II da Herdade da Moita.

Situação e aspecto do terreno :

Ficam estas duas antas, como já referi, na Herdade da Moita, freguesia de Cabeção e apenas a cerca de três quilómetros desta vila.

Partindo de Móra pela estrada nova que liga esta vila a Montargil, com uma bifurcação por alturas da Herdade da Chaminé para o Cabeção, seguindo este último ramal até cerca de três a quatro quilómetros antes de alcançarmos aquela vila, cortando à esquerda por um caminho que contorna o pequeno Monte da Azenha, para além deste cerca de 300 metros, avistamos, na margem esquerda, duas antas dispostas uma ao lado da outra e à mesma distância aproximadamente do caminho (a 1.^a a 34,5 m; a 2.^a a 33,5 m).

Uma delas, a primeira que se avista e que designamos por Anta I, avanta-se muito à outra, que designamos por Anta II, no que diz respeito a proporções e estado de conservação. Na Anta I quatro possantes azinheiras — três dispostos entre os esteios e um quarto no seio do corredor, — dominavam o grande monumento; na Anta II uma oliveira estendia as

raízes por todo o recinto, atingindo quase todos os esteios; daqui o monumento ter, à primeira vista, um aspecto informe, difícil de determinar.

Estão situadas num vale baixo, que se eleva muito lentamente em direcção ao Cabeço da Moita que, com o do Cabeção e ainda um terceiro, sem designação especial, o dominam pelo nascente.

A 370 metros a oeste corre o Raia que cava, na sua margem direita, um vale alagadiço, onde se cultiva o arroz. Esta cultura estende-se apenas até à margem direita do referido caminho. A paisagem vegetal muda completamente a partir desse limite, alternando-se as azinheiras e os sobreiros — a oliveira indicada, figura como espécie isolada. A poente, o vale é dominado pela margem esquerda daquele rio que desce abruptamente para o seu leito com um desnível regular.

Na zona onde se levantam as Antas, a terra apresenta-se escura e solta, «terra de mouchão». Numa área de alguns hectares observa-se ausência completa de rochas. Os grandes blocos graníticos que serviram para a construção dos monumentos, provieram possivelmente do açude do Gameiro, situado a 950 metros ao sul.

Fazendo a exploração do terreno circundante, encontrei com alguma frequência, principalmente na direcção sudeste, fragmentos de cerâmica romana.

Anta I da Herdade da Moita (Est. V): É um grande monumento, em bom estado de conservação, com câmara e corredor distintos, apresentando planta dum tipo muito comum no Alentejo.

O monumento tem um comprimento de cerca de 9 metros, pertencendo 3,50 m à câmara e 5,50 m ao corredor. Aquela é mais ou menos circular tendo por diâmetro E-W o seu comprimento, isto é, 3,50 m, e de diâmetro N-S, 3,25 m.

O corredor longo, estreita-se sensivelmente em relação à câmara, mas os blocos graníticos que lhe servem de esteios, são pouco inferiores em proporções aos grandes megalitos da câmara. A entrada do corredor, flanqueada por dois esteios de menores proporções, volta-se a E-SE, medindo, de largura, no nível inferior 1,10 m; a parte média atinge a largura de 1,51 m e a entrada da câmara 0,80 m.

O interior da câmara é totalmente visível, devido, por um lado, à ausência de chapéu, do qual, a ter existido, não se encontraram vestígios, e, por outro, por o esteio *b* se encontrar quebrado ao nível do terreno.

Todos os esteios que constituem a câmara — são oito — tendem a adelgaçar-se na sua parte terminal, não se notando esta tendência apenas nos que têm a parte superior quebrada, como os esteios *b* e *e*. Nalguns deles, como no esteio *c*, notam-se cortes intencionais no topo.

Todos eles inclinam-se levemente para o interior, com excepção da pedra mestra — esteio *d* — que se levanta erecta, mantendo o equilíbrio do conjunto, avantajando-se aos outros — excepto ao esteio *f* que se lhe equipara — pelas proporções.

A construção é sólida, escorando-se os esteios uns aos outros.

O esteio *a*, cuja inclinação foi acentuada pela pressão exercida por uma das azinheiras, nascida entre os dois primeiros esteios do lado direito do corredor, apoia-se sobre o esteio *b*. Este, devido a esta pressão e ao facto de estar quebrado ao nível do terreno é de todos os esteios o que se inclina mais profundamente para o interior — cerca de 40 cm. O espaço intermédio entre este e o esteio *c*, é ocupado por uma grande cunha. O esteio *c*, levemente inclinado sobre a pedra mestra — esteio *d* — tem a face interna côncava e o topo foi aguçado por meio de cortes intencionais. A pedra mestra com uma base de 1,75 m e uma altura, a partir do nível inferior, de 2,75 m adelgaça-se também na parte superior. Entre a pedra mestra e o esteio *f*, de proporções e configuração semelhante, fica comprimido o esteio *e*, sensivelmente mais baixo e quebrado superiormente. O esteio *g*, de proporções um pouco menores em relação ao esteio *f*, inclina-se sobre este último; o esteio *h*, que flanqueia a entrada da câmara, à esquerda, ainda mais profundamente se inclina sobre o esteio *g*.

O corredor que, como já dissemos, forma uma longa galeria de 5,50 m tinha grande parte dos esteios soterrados, apenas aflorando à superfície o último terço, sobressaindo principalmente devido aos dois espessos chapéus — um deles sobre os esteios iniciais e o outro na secção terminal.

Antes da escavação apenas eram visíveis onze esteios do corredor, seis colocados à direita e cinco à esquerda (estando o observador voltado para nascente). Com a escavação, porém, foi revelado mais um, de formato triangular, com a altura de 1,25 m, colocado, sem calços, acima do chão natural, no meio do corredor, parte terminal, paralelamente ao esteio III (esq.), tendo todos os indícios de para ali ter sido arremessado.

Entre os dois primeiros esteios da direita, I e II, irrompe uma grande azinheira e daí a deslocação do esteio II, o que também provocou a inclinação do esteio *a* da câmara. Os outros esteios da direita III, IV e V, seguem-se, elevando-se a uma altura semelhante e escorando-se uns aos outros como os da câmara; o esteio VI, o último do lado direito, é de menores dimensões e apresenta uma grande concavidade em ângulo recto.

Os esteios do lado esquerdo, I, II, III, IV e V, não sofreram nenhuma alteração digna de ser mencionada, apesar de na periferia dos dois primeiros, irromper uma outra azinheira. O esteio II apenas tinha visível a superfície superior, muito irregular; o esteio III avanta-se aos outros pelas proporções e o esteio IV que flanqueia a entrada, à esquerda, com uma aresta voltada para o interior, condiz, pelas proporções, com o seu paralelo da direita. Os esteios I (dir.) e I (esq.) têm também um dos vértices voltado para o interior avançando assim um pouco para o centro, atingindo aí, por isso, o corredor apenas cerca de 1,27 m de largura. Os dois chapéus que, como já foi dito, ocupam, um, a parte inicial e outro, a parte terminal, assentam, o primeiro, sobre os esteios I (dir.) e I(esq.) apoiando-se ainda sobre os esteios *a* e *h* da câmara; o segundo sobre os esteios IV e V (dir.) e o esteio III (esq.).

A mamôa pouco visível, apesar das características planas do terreno, ocupa uma área de cerca de 18 m, atingindo uma altura máxima junto da câmara de 75 cm.

A superfície estava coberta de ervas e moitas rasteiras e sobre a mamôa e os chapéus encontramos fragmentos de alfaias agrícolas para ali arremessadas e ainda restos de ossos, indícios de que, este dólmen, servira como uma autêntica «*mesa de pedra*» a banquetes campestres. Desemba-

raçada a câmara das ervas e moitas que a entulhavam, iniciamos a escavação.

Aberta uma trincheira no sentido N-S até uma profundidade de cerca de 1,40 m para a verificação da estratigrafia e concluindo-se pela ausência desta, começamos removendo a terra por camadas de 25 cm. Só com a continuação da escavação pudemos concluir ter sido o monumento violado, mas apenas numa área restrita, onde o acto apareceu documentado por fragmentos de cerâmica romana. Toda a restante câmara e o corredor não apresentaram indícios de violação.

A causa de um monumento com tais dimensões e inconfundível à distância, conservar-se, com excepção da pequena zona referida, intacto, escapando, por um lado, ao fanatismo dos romanos e, por outro, à ambição dos sonhadores de tesouros, deve residir no facto de se encontrarem as primeiras camadas do monumento sobrecarregadas com enormes pedregulhos, numa quantidade invulgar e de difícil remoção. Deste facto e, também devido à humidade do terreno, a enorme quantidade de fragmentos cerâmicos encontrados nas duas primeiras camadas, onde não se encontrou um único vaso inteiro.

Estes fragmentos cerâmicos, sempre muito abundantes em todas as camadas da câmara, decresceram, no entanto, na 3.^a e 4.^a camadas, para, na 5.^a e na 6.^a camadas, reapareceram com dobrada frequência.

Nestas últimas camadas, porém, tornaram-se vulgares os vasos inteiros, por ter diminuído sensivelmente, ainda que não completamente, o número de calhaus e o terreno se apresentar menos húmido.

O chão natural era pavimentado por uma autêntica calçada de burgau. Sobre esta calçada assentavam o maior número de objectos encontrados.

Outra nota interessante observada durante a escavação da câmara, foi a existência de grande quantidade de placas de xisto sem o menor indício de trabalho artificial, apesar da ausência dessa rocha nas imediações. Como os fragmentos de cerâmica, essas placas informes de xisto, também decresceram a partir da 3.^a camada.

O espólio de sílex começou a aparecer logo a partir da 2.^a camada; os machados polidos apenas a partir da 4.^a camada.

A escavação do corredor teve de ser feita por secções, por estarem completamente obstruídas as passagens e devido ao desenvolvimento de enormes raízes de azinheira que se estendiam em todas as direcções.

Também no corredor se encontrou grande quantidade de cascalho, mas verificou-se ausência das placas de xisto em bruto e os fragmentos de cerâmica que também apareceram nas primeiras camadas, apesar de se apresentarem em número razoável, contudo não com a frequência registada na câmara. Mesmo nas camadas inferiores onde este material se fez representar por um número razoável de vasos completos, o espólio cerâmico mostrou-se sempre mais pobre no corredor do que na câmara. Ao contrário, o corredor foi um verdadeiro reservatório de machados. Apareceu o primeiro já na 4.^a camada e a partir de então, foram-se sucedendo sem interrupção. Só numa zona de cerca de 420 cm², junto do esteio *e* (dir.), encontramos 35 machados. O material de sílex começou a aparecer, no corredor, a partir da 3.^a camada.

A maior parte do espólio do corredor confina-se apenas ao último terço e, algum pouco, à parte inicial. O corredor médio apresentou um espólio insignificante.

Fazendo a escavação por camadas, encontramos o chão natural a cerca de 1,50 m, (câmara) e 1,25 m, (corredor). Apareceu então o monumento completamente desobstruído, com passagem franca da câmara para o corredor e através deste, conservando-se com pequenas excepções, quase todos os esteios e chapéus, na sua posição primitiva.

Espólio: O material desta anta, verdadeiramente notável, pela quantidade e qualidade, pode ser dividido nas seguintes secções:

- a* — Pontas de seta.
- b* — Lâminas e lascas.
- c* — Instrumentos de pedra polida.
- d* — Cerâmica.
- e* — Ídolos-placas de xisto.

a) — *Pontas de seta* (Est. IX):

- 1 — Ponta de seta talhada sobre fragmento de lâmina, levemente encurvada. Secção triangular. Bordos de aresta retocada. Base chanfrada e retocada.
- 2 — Ponta de seta levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos serrilhados. Base levemente côncava e retocada.
- 3 — Ponta de seta levemente encurvada. Secção triangular. Base côncava. Esta e os bordos retocados.
- 4 — Ponta de seta levemente encurvada. Base ligeiramente côncava. Secção, em parte, triangular e em parte, trapezoidal. Base e bordos retocados.
- 5 — Ponta de seta levemente encurvada. Secção parcialmente trapezoidal. Base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 6 — Ponta de seta levemente encurvada. Base convexa. Uma das faces abauladas com retoque parcial. Bordos retocados.
- 7 — Ponta de seta levemente encurvada. Secção triangular. Base levemente convexa, notando-se vestígios de bolbo de percussão. Bordos e base retocada.
- 8 — Ponta de seta levemente encurvada. Secção triangular. Base triangular com bolbo de percussão. Esta e os bordos retocados.
- 9 — Ponta de seta de base recta e secção em parte triangular e em parte trapezoidal. Base e bordos retocados.
- 10 — Ponta de seta de base recta e secção trapezoidal. Base e zonas laterais de faces abauladas, retocadas.
- 11 — Ponta de seta de base recta. Secção trapezoidal. Base e bordos (até às arestas centrais da face abaulada), retocados.
- 12 — Ponta de seta de base triangular. Esta, os bordos e a face abaulada, retocados.
- 13 — Ponta de seta de base convexa. Secção triangular. Bordos e base retocados.
- 14 — Ponta de seta de base triangular. Esta e os bordos retocados.
- 15 — Ponta de seta de base levemente convexa. Secção triangular. Base e bordos retocados.
- 16 — Ponta de seta de base convexa. Secção triangular. Base e bordos retocados.
- 17 — Ponta de seta de base levemente convexa, com vestígios de bolbo de percussão. Secção triangular. Base e aresta do bordo retocados.
- 18 — Ponta de seta de base levemente convexa. Secção triangular. Base e bordos retocados.
- 19 — Ponta de seta de base levemente convexa. Secção trapezoidal. Base e bordos (até às arestas centrais), retocados.
- 20 — Ponta de seta de base levemente côncava. Secção trapezoidal. Base e bordos retocados.
- 21 — Ponta de seta de secção triangular. Base chanfrada de aresta retocada. Bordos de aresta retocada.
- 22 — Ponta de seta de secção triangular. Base quebrada. Bordos finamente serrilhados.

- 23 — Ponta de seta de base levemente convexa. Bordos, base e uma das faces (abaulada), retocados.
- 24 — Ponta de seta de base convexa. Esta e os bordos retocados.
- 25 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 26 — Ponta de seta de base convexa. Retoque facial parcial. Base retocada.
- 27 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 28 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 29 — Ponta de seta de base convexa. Retoque facial, parcial. Bordos e base retocados.
- 30 — Ponta de seta de base recta. Esta e os bordos retocados.
- 31 — Ponta de seta de base recta. Retoque marginal.
- 32 — Ponta de seta de base recta. Bordos e base retocados.
- 33 — Ponta de seta de base recta. Retoque facial parcial. Base e bordos retocados.
- 34 — Ponta de seta de base recta. Esta e os bordos retocados.
- 35 — Ponta de seta com base truncada. Retoque facial parcial.
- 36 — Ponta de seta com base parcialmente quebrada. Bordos retocados.
- 37 — Sílex de formato de trapezoide proveniente de faca também de secção trapezoidal. Bordos e planos transversos retocados.
- 38 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 39 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos levemente côncavos, retocados.
- 40 — Ponta de seta de base convexa. Bordos levemente côncavos e base retocados.
- 41 — Ponta de seta de base recta e retocada. Bordos profundamente serrilhados.
- 42 — Ponta de seta de base levemente côncava. Secção triangular. Base retocada e bordos finamente serrilhados.
- 43 — Ponta de seta de base côncava. Secção triangular. Base, bordos e uma das faces retocados.
- 44 — Ponta de seta de base côncava. Secção sub-triangular. Base e bordos retocados.
- 45 — Ponta de seta de base côncava. Esta numa das faces e bordos retocados.
- 46 — Ponta de seta de base levemente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 47 — Ponta de seta de base convexa com barbelas laterais. Retoque facial parcial. Base e bordos retocados.
- 48 — Ponta de seta de base côncava. Esta e os bordos retocados.
- 49 — Ponta de seta de base triangular. Faces espalmadas. Base e bordos retocados.
- 50 — Ponta de seta de base levemente côncava. Uma das faces abaulada. Bordos e base retocados.
- 51 — Ponta de seta de base côncava. Faces abauladas de bordos retocados. Base retocada.
- 52 — Ponta de seta de base côncava. Esta e os bordos retocados — um deles até quase meado da face.
- 53 — Ponta de seta de base côncava. Retoque facial incompleto.
- 54 — Ponta de seta de base côncava. Faces e bordos retocados.

- 55 — Ponta de seta de base levemente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 56 — Ponta de seta de base côncava. Uma das bases plana; a outra abaulada e retocada. Base retocada.
- 57 — Ponta de seta de base levemente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 58 — Ponta de seta de base côncava. Esta e os bordos retocados.
- 59 — Ponta de seta de base côncava. Uma das faces plana e parcialmente retocada; a outra abaulada e completamente retocada. Bordo serrilhado.
- 60 — Ponta de seta de base levemente côncava. Faces parcialmente retocadas.
- 61 — Ponta de seta de base levemente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 62 — Ponta de seta de base côncava. Bordos serrilhados — um deles parcialmente.
- 63 — Ponta de seta de base côncava. Faces abauladas e retocadas.
- 64 — Ponta de seta de base côncava. Retoque facial.
- 65 — Ponta de seta de base côncava. Uma das faces plana; a outra abaulada. Retoque facial.
- 66 — Ponta de seta de base côncava. Base e bordos levemente convexos, retocados.
- 67 — Ponta de seta de base côncava. Esta e os bordos levemente convexos, retocados.
- 68 — Ponta de seta de base côncava. Faces e bordos levemente convexos, retocados.
- 69 — Ponta de seta de base bi-côncava. Secção triangular. Base e bordos retocados.
- 70 — Ponta de seta de base pedunculada. Esta e os bordos retocados.
- 71 — Ponta de seta de base pedunculada. Base, bordos e uma das faces, retocados.
- 72 — Ponta de seta de base levemente pedunculada. Esta e os bordos retocados. Uma das faces abauladas.
- 73 — Ponta de seta de base levemente pedunculada. Uma das faces, os bordos e a base retocados.
- 74 — Ponta de seta de base pedunculada. Esta e os bordos retocados.
- 75 — Ponta de seta de base levemente pedunculada, assimétrica. Bordos retocados.
- 76 — Ponta de seta de base levemente côncava. Base e bordos retocados.
- 77 — Ponta de seta de base ligeiramente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 78 — Ponta de seta de base ligeiramente côncava. Esta e os bordos retocados.
- 79 — Ponta de seta de base ligeiramente côncava. Bordos retocados.
- 80 — Ponta de seta de base ligeiramente convexa. Esta e os bordos serrilhados. Ponta quebrada.
- 81 — Ponta de seta de base ligeiramente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 82 — Ponta de seta de base ligeiramente convexa. Bordos com retoque.
- 83 — Ponta de seta de base recta. Bordos serrilhados.
- 84 — Ponta de seta de base recta. Esta e os bordos retocados.
- 85 — Ponta de seta de base recta. Esta e os bordos retocados.
- 86 — Ponta de seta de base recta. Bordos retocados. Vértice truncado.
- 87 — Ponta de seta de base recta. Bordos serrilhados.
- 88 — Ponta de seta de base recta. Esta e os bordos retocados.

- 89 — Ponta de seta de base recta. Vértice alongado. Base retocada. Bordos serrilhados.
- 90 — Ponta de seta de quartzo de base pedunculada. Bordos e faces retocados.
- 91 — Ponta de seta de cristal de rocha de base levemente côncava. Face ventral ondulada. Bordos retocados.
- 92 — Ponta de seta de cristal de rocha de base ligeiramente convexa. Bordos retocados.
- 93 — Ponta de seta de base levemente convexa. Esta e os bordos retocados.
- 94 — Ponta de seta de quartzo de base levemente convexa. Esta e um dos bordos retocados; o outro truncado.
- 95 — Ponta de seta de quartzo de base recta. Esta e uma das faces (abaulada), retocadas.
- 96 — Ponta de seta de quartzo de base convexa. Uma das faces chanfrada. Base e bordos retocados.
- 97 — Ponta de seta de quartzo de base triangular. Retoque marginal.

b) — *Lâminas e lascas* (Est. X):

- 1 — Lâmina levemente encurvada. Secção triangular. Um dos bordos de aresta retocada; o outro de aresta cortante. Um dos topos truncado; o outro com bolbo de percussão retocado.
0,0353 × 0,011 × 0,0034.
- 2 — Lâmina de secção trapezoidal. Um dos topos com bolbo de percussão retocado; o outro truncado. Bordos de aresta retocada.
0,0432 × 0,0197 × 0,0034.
- 3 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos, estreitando levemente para um dos topos, retocados. Topos truncados.
0,0425 × 0,018 × 0,004.
- 4 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos e um dos topos retocados; o outro topo quebrado.
0,0616 × 0,0193 × 0,0052.
- 5 — Lâmina levemente encurvada. Secção parcialmente triangular e parcialmente trapezoidal. Bordos retocados. Um dos topos com bolbo e plano de percussão sem retoque; o outro truncado.
0,0604 × 0,016 × 0,0056.
- 6 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos, faces laterais e um dos topos (com bolbo de percussão), retocados; o outro topo truncado.
0,0423 × 0,0161 × 0,0043.
- 7 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal; junto de um dos topos, triangular. Bordos, estreitando levemente para um dos topos, de aresta retocada. Um dos topos truncado; o outro quebrado.
0,0372 × 0,0162 × 0,0047.

- 8 — Lâmina de secção trapezoidal. Faces desiguais. Face ventral irregular. Bordos de aresta retocada. Um dos topos com bolbo e plano de percussão retocados; o outro truncado, oblíquo.
0,0422 × 0,0173 × 0,0037.
- 9 — Lâmina de secção trapezoidal. Faces desiguais. Bordos de aresta retocada. Um dos topos com bolbo de percussão; o outro quebrado. Fragmento.
0,0203 × 0,0113 × 0,0037.
- 10 — Lâmina de secção triangular. Bordos de aresta retocada. Um dos topos com bolbo de percussão; o outro quebrado. Fragmento.
0,0183 × 0,01 × 0,0031.
- 11 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos e um dos topos retocados; o outro truncado.
0,067 × 0,0187 × 0,0047.
- 12 — Lâmina de secção trapezoidal. Bordos e um dos topos com bolbo de percussão retocados; o outro quebrado. Fragmento.
0,0247 × 0,0115 × 0,0045.
- 13 — Lâmina de secção triangular. Bordos de aresta retocada. Topos truncados. Fragmento.
0,0148 × 0,012 × 0,0024.
- 14 — Lâmina levemente encurvada. Face dorsal abaulada e lateralmente retocada. Bordos, estreitando levemente para um dos topos; o outro truncado.
0,0486 × 0,0149 × 0,0056.
- 15 — Lâmina de secção trapezoidal. Bordos de aresta retocada, estreitando levemente para um dos topos. Este com bolbo de percussão retocado; o outro truncado.
- 16 — Lâmina encurvada e levemente recurvada. Secção parcialmente trapezoidal. Bordos retocados. Um dos topos com bolbo de percussão retocado; o outro retocado em forma de raspadeira.
0,054 × 0,0202 × 0,006.
- 17 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos e um dos topos em forma de raspadeira retocados; o outro topo com bolbo de percussão e plano retocados.
0,1037 × 0,024 × 0,0062.
- 18 — Lâmina levemente encurvada. Secção trapezoidal. Bordos de aresta cortante. Topos truncados, um deles oblíquo.
0,0641 × 0,0237 × 0,0042.
- 19 — Lâmina de sílex encurvada. Face dorsal irregular. Bordos e topos, um deles com bolbo de percussão, retocados.
0,1016 × 0,0256 × 0,0091.
- 20 — Raspadeira de sílex com bordos e topos retocados. Um dos topos com bolbo de percussão.
0,0406 × 0,027 × 0,0107.

- 21 — Lasca de sílex com retoque marginal.
0,0275 × 0,0204 × 0,0045.
- 22 e 23 — Núcleos d sílex com as arestas parcialmente retocadas.
- 24, 25, 26 — Fragmentos de quartzo.

Contas:

- 27 — Cinco pequenas contas discoidais.
- 28 — Conta bi-cónica com perfuração central. Cor negra brilhante.
0,014 × 0,015.
- 29 — Artefacto de xisto de forma alongada. Secção rectangular. Pregos?

Objectos de pedra polida (Est. XI e XII):

- 1 — Machado de pedra, polido apenas na região do gume. Este convexo e com vestígios de uso. Secção rectangular. Faces maiores paralelas na parte média e convergentes nos topos.
0,1863 — 0,0607 × 0,0362 — 0,398.
- 2 — Machado de pedra incompletamente polido de formato trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores planas na região média, convergindo nos topos. Gume convexo e pouco usado.
0,2187 — 0,056 × 0,0371 — 0,03.
- 3 — Grande machado de pedra incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas, convergindo bruscamente para o gume. Este convexo e levemente fragmentado.
0,2142 — 0,0757 × 0,0407 — 0,0429.
- 4 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato trapezoidal. Secção média rectangular. Faces maiores convergentes junto dos topos. Gume pouco gasto, convexo.
0,1817 — 0,0631 × 0,039 — 0,0426.
- 5 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato irregular. Faces maiores paralelas, convergindo bruscamente na região do gume. Este profundamente convexo, intacto. Faces laterais desiguais, uma delas levemente convexa.
0,01276 — 0,0688 × 0,0196 — 0,0196.
- 6 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato sub-rectangular. Secção sub-rectangular. Faces maiores paralelas, convergindo para formar o gume. Este levemente convexo e gasto. Faces menores ligeiramente convexas.
0,1334 — 0,069 × 0,0576 — 0,0243.
- 7 — Machado de pedra, polido, de formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa.
0,1266 — 0,0466 × 0,0245 — 0,0197.

- 8 — Machado de pedra, imperfeitamente polido, de formato sub-trapezoidal. Uma das faces maiores abauladas; a outra plana na parte média. Gume convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa; e outra ligeiramente côncava.
0,1364 — 0,0612 × 0,0316 — 0,0406.
- 9 — Machado achatado de xisto polido, de formato sub-triangular. Secção sub-trapezoidal. Uma das faces maiores abaulada; a outra plana. Uma das faces laterais plana; a outra ligeiramente convexa. Gume levemente convexo, com uma truncadura oblíqua junto do lado oposto.
0,1785 — 0,055 × 0,0098 — 0,0195.
- 10 — Enxó de xisto, incompletamente polida. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores abauladas; a outra plana, na região central e talhada em bisel, junto do gume. Este, lado oposto e faces laterais, convexos.
0,166 — 0,0694 × 0,0306 — 0,0177.
- 11 — Enxó incompletamente polida. Formato sub-triangular. Secção sub-trapezoidal rectangular. Uma das faces maiores levemente convexa; a outra plana e talhada em bisel junto do gume. Este convexo e com vestígios de uso. Faces laterais convexas.
0,1222 × 0,057 — 16.
- 12 — Enxó de xisto, imperfeitamente polida. Formato sub-triangular. Uma das faces maiores levemente convexa; a outra plana, talhada em bisel junto do gume. Este convexo e com vestígios de uso. Faces laterais desiguais — uma mais profundamente convexa do que a outra e com uma truncadura oblíqua junto do gume.
0,122 × 0,0509 × 0,0154.
- 13 — Enxó polida apenas na região do gume. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente convexa; a outra levemente côncava e talhada em bisel junto do gume. Este recto e gasto. Uma das faces laterais levemente convexa.
0,1596 — 0,0583 × 0,0275 — 0,0217.
- 14 — Machado de pedra polido, de formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores convexas, convergindo no gume. Este, recto e gasto; lado oposto quebrado. Faces laterais levemente convexas.
0,1323 — 0,02187 × 0,0273 — 0,041.
- 15 — Enxó polida, de formato sub-trapezoidal. Uma das faces maiores abaulada; a outra plana na região central e talhada em bisel junto do gume.
- 16 — Machado de pedra completamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção oval alongada. Faces abauladas; gume convexo. Este último com vestígios de uso. Lado oposto arredondado.
0,0103 — 0,0547 × 0,0153 — 0,0267.

- 17 — Machado de pedra completamente polido. Formato sub-triangular. Secção oval. Faces abauladas. Gume levemente convexo e com vestígios de uso. Lado oposto arredondado.
0,1465 — $0,0567 \times 0,009$ — 0,0446.
- 18 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente convexas. Faces laterais planas. Gume gasto e lado oposto convexas.
0,0997 — $0,0456 \times 0,0328$ — 0,0224.
- 19 — Machado de pedra incompletamente polido. Secção paralelogrâmica. Faces maiores convexas. Gume gasto e parcialmente quebrado. Lado oposto adelgado.
0,0954 — $0,0431 \times 0,0253$ — 0,0277.
- 20 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção tendendo para oval. Faces maiores abauladas; uma das faces laterais formada pela convergência das faces maiores; a outra oblíqua, sem polimento. Gume convexo e com vestígios de uso. Lado oposto quebrado.
0,1267 — $0,0526 \times 0,0138$ — 0,0334.
- 21 — Machado achatado de pedra incompletamente polida. Formato trapezoidal (irregular). Faces maiores convergindo para formar o gume. Este convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa; a outra truncada obliquamente junto do gume.
0,1523 — $0,0612 \times 0,036$ — 0,0133.
- 22 — Grande machado de pedra, polido na região do gume. Formato trapezoidal. Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Secção rectangular. Gume e lado oposto convexas.
0,1291 — $0,0685 \times 0,0316$ — 0,0417.
- 23 — Machado de pedra, polido, de formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo e intacto. Lado oposto mais ou menos rectangular. Faces laterais parcialmente planas, convexas junto do lado oposto.
0,1373 — $0,0455 \times 0,027$ — 0,04.
- 24 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato trapezoidal. Secção paralelogrâmica. Faces maiores abauladas, convergindo no gume. Este convexo com vestígios de uso. Faces laterais mais ou menos planas. Lado oposto levemente convexo e ligeiramente adelgado.
0,1286 — $0,0544 \times 0,0361$ — 0,0328.
- 25 — Machado de pedra imperfeitamente polido. Secção rectangular. Faces maiores planas, convergindo bruscamente para formar o gume. Este convexo e com vestígios de uso. Faces laterais planas, estreitando acentuadamente para o lado oposto. Este estreito e arredondado.
0,1365 — $0,0624 \times 0,0187$ — 0,0203.

- 26 — Machado de pedra completamente polido. Formato sub-triangular. Secção oval. Gume gasto e parcialmente quebrado. Lado oposto arredondado.
0,1439 — $0,0442 \times 0,0124$ — 0,0361.
- 27 — Enxó de xisto, imperfeitamente polido. Formato trapezoidal. Secção oval alongada. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra plana, talhada em bisel junto do gume. Este convexo e, em parte, quebrado. Lado oposto quebrado.
0,01249 — $0,0632 \times 0,0463$ — 0,0165.
- 28 — Machado achatado de xisto, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Gume levemente convexo e com vestígios de uso. Lado oposto truncado.
0,148 — $0,058 \times 0,0288$ — 0,0143.
- 29 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores planas na região central, convergindo junto dos topos. Gume convexo e com vestígios de uso. Faces laterais planas.
0,1157 — $0,0583 \times 0,0278$ — 0,0212.
- 30 — Machado de pedra imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores planas na região central, convergindo junto dos topos. Gume convexo, gasto e já fragmentado. Faces laterais levemente convexas.
0,145 — $0,0695 \times 0,0238$ — 0,0373.
- 31 — Machado achatado de xisto, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Gume fragmentado, bordos laterais e lado oposto convexos.
0,1567 — $0,0614 \times 0,0274$ — 0,0151.
- 32 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume (com vestígios de uso) e lado oposto convexos. Uma das faces laterais muito levemente convexa; a outra plana.
0,1101 — $0,0577 \times 0,0324$ — 0,0268.
- 33 — Machado de pedra, incompletamente polido. Formato trapezoidal (irregular). Faces maiores planas, convergindo bruscamente para o gume. Este convexo e levemente oblíquo. Lado oposto oblíquo, truncado. Uma das faces laterais levemente convexa; a outra plana. Secção trapezoidal.
0,125 — $0,0618 \times 0,0335$ — 0,0183.
- 34 — Machado de pedra incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores, planas na parte média, convergindo junto dos topos. Gume convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente côncava; a outra levemente convexa.
0,1211 — $0,0653 \times 0,0262$ — 0,0273.
- 35 — Machado de pedra, incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume parcialmente quebrado, convexo e com vestígios de uso. Faces laterais estreitando para o lado oposto.
0,1967 — $0,0646 \times 0,0305$ — 0,0476.

- 36 — Enxó polida na região do gume. Formato trapezoidal. Secção rectangular. Faces mais ou menos planas, convergindo para formar o gume; uma delas talhada em bisel. Gume convexo, intacto.
0,1528 — 0,0189 × 0,0607 — 0,0185.
- 37 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume convexo e com vestígios de uso. Faces laterais levemente convexas.
0,1677 — 0,0685 × 0,0282 — 0,0416.
- 38 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra plana na região central. Gume convexo, com vestígios de uso. Faces laterais levemente convexas.
0,1165 — 0,0548 × 0,0333 — 0,0354.
- 39 — Machado de pedra, incompletamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo e oblíquo. Faces menores mais ou menos planas.
0,1562 — 0,0616 × 0,0343 — 0,0289.
- 40 — Machado de pedra, polido na região do gume. Secção rectangular. Faces maiores abauladas junto dos topos. Gume levemente convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa; a outra mais ou menos plana.
0,1337 — 0,052 × 0,0283 — 0,0398.
- 41 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-rectangular (irregular). Secção ovalada. Faces abauladas, convergindo no gume. Este convexo, com vestígios de uso.
0,0946 — 0,0435 × 0,0269 — 0,0276.
- 42 — Enxó de pedra, incompletamente polida, de formato sub-trapezoidal. Uma das faces maiores levemente abaulada, com vestígios de polimento; a outra plana, talhada em bisel junto do gume. Este levemente convexo e com vestígios de uso. Lado oposto adelgado e oblíquo. Faces laterais levemente convexas. Secção sub-rectangular.
0,1308 — 0,0568 × 0,033 — 0,0127.
- 43 — Enxó (calcáreo?) incompletamente polida. Formato subtrapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra talhada em bisel junto do gume. Este levemente convexo e gasto. Lado oposto truncado, oblíquo. Faces laterais levemente convexas.
0,1414 — 0,0564 × 0,0274 — 0,0148.
- 44 — Machado de pedra, imperfeitamente polido, de formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra convergindo para formar o gume. Este levemente convexo e gasto. Faces laterais levemente convexas. Lado oposto truncado, oblíquo.
0,1192 — 0,0448 × 0,0254 — 0,0146.

- 45 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada, convergindo para ambos os topos; a outra plana, convergindo para formar o gume. Este levemente convexo e com vestígios de uso. Faces laterais levemente convexas.
0,1068 — $0,056 \times 0,0247$ — 0,0286.
- 46 — Enxó polida na região do gume. Secção rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra mais ou menos plana, talhada em bisel junto do gume. Este levemente convexo, com leves vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa; a outra plana.
0,115 — $0,0405 \times 0,0216$ — 0,0145.
- 47 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume convexo e com vestígios de uso. Uma das faces laterais levemente convexa.
0,1656 — $0,0757 \times 0,0413$ — 0,0327.
- 48 — Machado de pedra, polido. Formato trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores planas, convergindo ambas bruscamente junto do gume. Este levemente convexo e gasto. Lado oposto adelgado e oblíquo.
0,0974 — $0,0532 \times 0,0393$ — 0,0246.
- 49 — Enxó polida, de formato sub-triangular (irregular). Uma das faces maiores muito levemente abaulada; a outra plana, talhada em bisel junto do gume. Este levemente convexo, fragmentado. Faces laterais desiguais.
0,1131 — $0,0593 \times 0,0161$.
- 50 — Enxó, polida, de formato sub-trapezoidal. Secção sub-trapezoidal. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra talhada em bisel junto do gume. Este levemente convexo, intacto. Faces laterais levemente convexas, desiguais.
0,1293 — $0,0419 \times 0,016$ — 0,0166.
- 51 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal (irregular). Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas, irregulares. Gume convexo, gasto. Faces laterais convexas irregulares.
0,1753 — $0,0527 \times 0,0283$ — 0,0308.
- 52 — Machado de pedra, polido. Formato tendendo para sub-rectangular. Secção em oval alongada. Faces levemente abauladas; gume convexo. Lado oposto largo e espesso.
0,1077 — $0,072 \times 0,0632$ — 0,0274.
- 53 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal (irregular). Secção sub-trapezoidal. Faces maiores levemente abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo, com vestígios de uso. Faces laterais desiguais.
0,1773 — $0,0529 \times 0,0329$ — 0,0418.

- 54 — Machado de pedra, polido. Formato trapezoidal. Secção rectangular. Uma das faces maiores abaulada; a outra côncava. Gume levemente convexo, com vestígios de uso.
0,135 — $0,0463 \times 0,0295$ — 0,0166.
- 55 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores convergindo bruscamente junto do gume. Este levemente convexo e com vestígios de uso. Faces laterais levemente convexas.
0,0886 — $0,0493 \times 0,0426$ — 0,0198.
- 56 — Enxó polida na região do gume. Formato sub-trapezoidal. Secção rectangular. Faces maiores planas, convergindo para formar o gume, uma delas talhada em bisel. Gume levemente convexo e com vestígios de uso. Lado oposto arredondado. Uma das faces laterais levemente convexa.
0,1429 — $0,0742 \times 0,282$ — 0,0189.
- 57 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra convergindo apenas na região do gume. Este levemente convexo e com vestígios de uso.
0,129 — $0,055 \times 0,037$ — 0,03.
- 58 — Enxó, imperfeitamente polida. Formato sub-trapezoidal. Uma das faces levemente abaulada; a outra talhada em bisel junto do gume. Este muito levemente convexo e com vestígios de uso. Lado oposto e bordos laterais levemente convexas.
0,1477 — $0,0493 \times 0,0343$ — 0,0173.
- 59 — Enxó, incompletamente polida. Formato sub-rectangular. Uma das faces maiores levemente abaulada; a outra talhada em bisel junto do gume. Este convexo, com uso. Lado oposto truncado.
0,1133 — $0,0563 \times 0,053$ — 0,0183.
- 60 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente abauladas. Gume levemente convexo, com vestígios de uso. Lado oposto, em parte, quebrado.
 $0,01244 \times 0,0553 \times 0,0305$.
- 61 — Fragmento de machado de pedra, polido, reduzido a uma das faces maiores.
- 62 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal. Uma das faces maiores plana, convergindo bruscamente para formar o gume; a outra profundamente abaulada. Lado oposto quebrado.
0,1278 — $0,0558 \times 0,0433$ — 0,028.
- 63 — Machado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Faces maiores abauladas. Gume levemente convexo, intacto. Lado oposto quebrado. Secção sub-rectangular.
0,0983 — $0,0493 \times 0,0286$ — 0,03.
- 64 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato sub-trapezoidal (irregular). Faces maiores abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo, com uso. Faces laterais desiguais.
0,1542 — $0,0586 \times 0,03$ — 0,0383.

- 65 — Machado de pedra, imperfeitamente polido. Formato trapezoidal. Uma das faces maiores abaulada, a outra plana. Gume levemente convexo com vestígios de uso; lado oposto levemente adelgado.
- 66 — Escopro de pedra polida, formato alongado. Face ventral chanfrada junto do gume e levemente convexa junto do outro topo. Este gasto. Face dorsal abaulada.
0,0921 × 0,022 × 0,0208.
- 67 — Instrumento de pedra polida. Formato ovoide. Machado em preparação?
0,0624 × 0,0322 × 0,0309.
- 68 — Seixo ovalado, com polimento natural. Vestígios de ter servido como percutor. Num dos topos dois pequenos orifícios.
0,0522 × 0,0427 × 0,0373.

Cerâmica (Est. XIII, XIV, XV):

- 1 — Pequeno vaso de fundo convexo e perfil lateral levemente côncavo. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,039 × 0,0644 × 0,0674.
- 2 — Vaso de fundo levemente convexo e perfil ligeiramente côncavo. Decoração em relevo, constituída por 3 linhas verticais. Pasta carbonizada interiormente. Cor cinzenta-negra.
0,0468 × 0,0829 × 0,0867.
- 3 — Vaso esférico, levemente alongado. Pasta de cor acastanhada, com manchas de fumo.
0,0744 × 0,0762 × 0,0623.
- 4 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0668 × 0,0969.
- 5 — Vaso de fundo profundamente convexo. Perfil angular. Pasta levemente carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0443 × 0,1081 × 0,0986.
- 6 — Vaso cilíndrico de fundo plano. Pasta carbonizada interiormente e com grãos de areia. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0544 × 0,0628 × 0,0522.
- 7 — Vaso de fundo levemente convexo e perfil profundamente côncavo. Pasta de cor acastanhada com manchas de fumo.
0,047 × 0,069 × 0,074.
- 8 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,074 × 0,0983 × 0,1084.
- 9 — Vaso cilíndrico, de fundo muito levemente plano. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0469 × 0,0712 × 0,0704.

- 10 — Pequeno vaso de fundo convexo e perfil lateral levemente côncavo. Pasta fortemente carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0315 × 0,0478 × 0,046.
- 11 — Vaso semi-esférico. Pasta fortemente carbonizada interiormente. Cor acastanhada com leves manchas de fumo.
0,0483 × 0,0712.
- 12 — Vaso grosseiramente semi-esférico. Junto ao bordo sobressai um mamilo. Pasta carbonizada. Cor castanha com grandes manchas de fumo.
0,0556 × 0,0857.
- 13 — Vaso esférico, alargando levemente junto da base. Pasta carbonizada. Cor castanha com manchas de fumo.
0,0654 × 0,608 × 0,079.
- 14 — Vaso esférico, alargando levemente junto da base. A aresta da base levemente pronunciada. Pasta carbonizada interiormente. Cor castanha com grandes manchas de fumo.
0,0705 × 0,073 × 0,0973.
- 15 — Vaso esférico, alargando levemente junto da base. À volta do bordo, uma fileira de mamilos. Pasta carbonizada interiormente. Cor castanha com manchas de fumo.
0,059 × 0,0858 × 0,1012.
- 16 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada interiormente. Cor castanha com manchas de fumo.
0,085 × 0,1426.
- 17 — Vaso esférico. Pasta carbonizada interiormente. Cor castanha com manchas de fumo.
0,0586 × 0,0967 × 0,1037.
- 18 — Vaso esférico. Pasta carbonizada interiormente. Cor castanha com manchas de fumo.
0,0575 × 0,0716 × 0,0824.
- 19 — Vaso de fundo plano e boca larga. Pasta carbonizada. Cor castanha com manchas de fumo.
0,053 × 0,0955 × 0,0757.
- 20 — Vaso esférico, levemente achatado. À volta do bordo, quatro orelhetas dispostas simetricamente. Pasta de cor alaranjada com manchas de fumo.
0,066 × 0,0967 × 0,1149.
- 21 — Vaso cilíndrico de fundo levemente convexo. Pasta de cor castanha alaranjada com manchas de fumo.
0,0649 × 0,109 × 0,104.
- 22 — Pequeno vaso semi-esférico, grosseiramente modelado. Pasta carbonizada. Cor acastanhada-alanranjada com manchas de fumo.
0,047 × 0,0752.

- 23 — Vaso em forma de calota esférica. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,047 × 0,13.
- 24 — Vaso cilíndrico de fundo levemente convexo. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,051 × 0,0825.
- 25 — Vaso de fundo convexo e de perfil levemente côncavo. Pasta carbonizada interiormente. Decoração simples com relevo (dois traços curvos). Cor castanha com manchas de fumo.
0,0632 × 0,094 × 0,10.
- 26 — Vaso semi-esférico. Fundo com uma concavidade circular. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,073 × 0,1243.
- 27 — Vaso de fundo convexo e de perfil lateral levemente côncavo, alargando junto da base. Pasta fortemente carbonizada interiormente. Cor acastanhada, manchada de fumo.
0,074 × 0,0942 × 0,1121.
- 28 — (Fig. 1) — Grande vaso de fundo convexo e perfil lateral recto, alargando do bordo para a base. Decoração com relevo em forma de duas vírgulas com a parte superior muito arqueada — estilização antropomórfica? Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,1535 × 0,1385 × 0,1828.

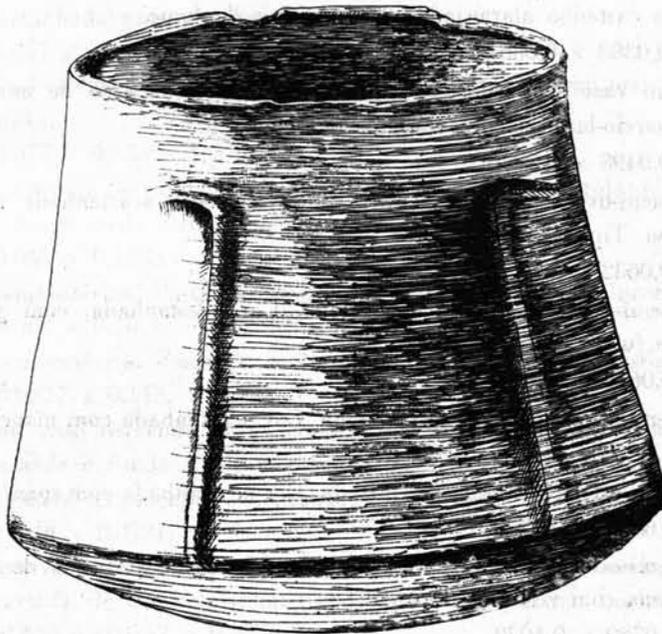


Fig. 1

- 29 — (Fig. 2) — Vaso baixo, de corpo cilíndrico e fundo convexo. Pasta de cor avermelhada com vestígios de fumo. Decoração incisa, interrompida por uma decoração em relevo em forma de dois C abertos, voltados um contra o outro
0,06 × 0,1026 × 0,1053.

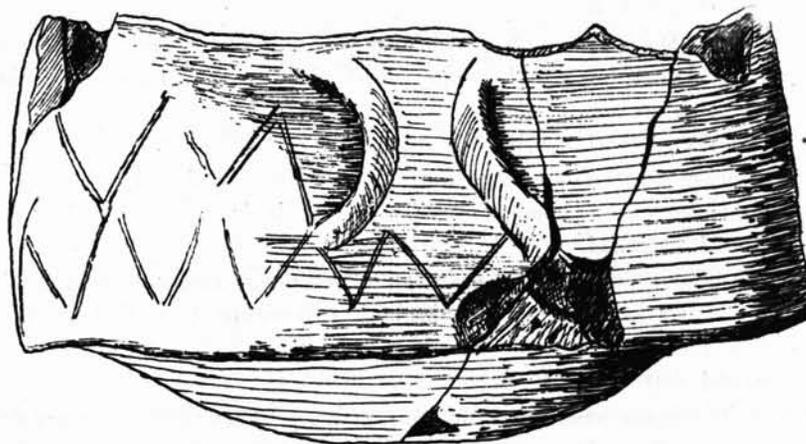


Fig. 2

- 30 — Pequeno vaso semi-esférico. Pasta carbonizada interiormente, revestida de uma camada castanha alaranjada com vestígios de fumo.
0,0383 × 0,0861.
- 31 — Pequeno vaso semi-esférico. Pasta carbonizada revestida de uma camada de cor amarelo-laranja com vestígios de fumo.
0,0498 × 0,0836.
- 32 — Vaso semi-oval. Pasta carbonizada. Cor cinzenta acastanhada com vestígios de fumo. Tipo arcaico.
0,0632 × 0,14 × 0,1102.
- 33 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada, com grandes manchas de fumo.
0,0623 × 0,0851.
- 34 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0573 × 0,1106.
- 35 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,0634 × 0,1252.
- 36 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada interiormente revestida de uma camada alaranjada com vestígios de fumo.
0,0729 × 0,1078.

- 37 — Vaso de fundo convexo e perfil lateralmente côncavo. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com grandes manchas de fumo.
0,069 × 0,1208 × 0,1342.
- 38 — Vaso de fundo convexo. Aresta do fundo pouco pronunciada. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,058 × 0,0944 × 0,097.
- 39 — Vaso tendendo para semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,081 × 0,153.
- 40 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,084 × 0,1255.
- 41 — Vaso esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,086 × 0,1486 × 0,160.
- 42 — Vaso de fundo convexo e perfil levemente côncavo, alargando levemente na base. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com vestígios de fumo.
0,056 × 0,0792 × 0,0932.
- 43 — Vaso em forma de calote esférica. Pasta carbonizada interiormente, revestida de uma camada alaranjada, com vestígios de fumo.
0,0598 × 0,134.
- 44 — Vaso de fundo convexo e perfil lateral levemente côncavo. Pasta carbonizada. Cor acastanhada, com manchas de fumo.
0,073 × 0,0984 × 0,0964.
- 45 — Vaso baixo, cilíndrico, de fundo convexo. Pasta carbonizada interiormente. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,057 × 0,1404 × 0,143.
- 46 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo. Incompleto.
0,073 × 0,1332.
- 47 — Vaso em forma de calote esférica. Pasta carbonizada revestida de uma camada de cor acastanhada com manchas de fumo. Incompleto.
0,045 × 0,1382.
- 48 — Vaso semi-esférico. Pasta carbonizada. Cor cinzenta negra. Incompleto.
0,054 × 0,10.
- 49 — Vaso semi-esférico. Pasta de cor castanha alaranjada com vestígios de fumo.
0,0527 × 0,113.
- 50 — Pequeno vaso tendendo para semi-esférico com a aresta do bojo levemente pronunciada e fundo ligeiramente achatado. Pasta carbonizada, revestida de uma camada alaranjada. Incompleto.
0,046 × 0,0731.
- 51 — Pequeno vaso de boca larga e fundo plano. Pasta carbonizada, revestida de uma camada de cor acastanhada com manchas de fumo. Incompleto.
0,499 × 0,0757 × 0,0576.

- 52 — Pequeno vaso em forma de calote esférica, levemente achatado no fundo. Pasta carbonizada, revestida de uma camada amarelada com vestígios de fumo.
0,041 × 0,08.
- 53 — Pequeno vaso de forma cilíndrica de fundo levemente achatado. Pasta carbonizada de cor acastanhada alaranjada, com manchas de fumo. Incompleto.
0,0574 × 0,0684 × 0,052.
- 54 — Vaso semi-esférico, de fundo achatado. Pasta carbonizada, revestida de uma camada amarelada com vestígios de fumo. Incompleto.
0,063 × 0,0942.
- 55 — Vaso de corpo cilíndrico e fundo convexo. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo. Incompleto.
0,053 × 0,0928 × 0,0914.
- 56 — Fragmento de vaso de cerâmica fortemente carbonizada e muito polida. Decoração em relevo. Cor negra. (V. fig. 6, Est. VIII).
- 57 — Pequeno vaso semi-esférico. Pasta carbonizada, revestida de uma camada castanha alaranjada. Incompleto.
0,042 × 0,0736.
- 58 — Pequeno vaso semi-esférico. Pasta carbonizada, revestida de uma camada alaranjada com vestígios de fumo. Incompleto.
0,0485 × 0,0623.
- 59 — Pequeno vaso semi-esférico. Pasta carbonizada, revestida de uma camada de cor amarelada. Incompleto.
0,0525 × 0,0803.
- 60 — Vaso tendendo para esférico, alargando junto da aresta do fundo. Este convexo. Pasta carbonizada. Cor acastanhada com manchas de fumo.
0,075 × 0,0842 × 0,1055.
- 61 — Fragmento de vaso tendendo para esférico com a aresta do bojo levemente pronunciada. Sobre esta aresta um mamilo pouco pronunciado. Na parte inferior do bordo, um sulco, fazendo-o sobressair. Pasta carbonizada, revestida de uma camada castanha alaranjada.
- 62 a 67 — Fragmentos de vasos esféricos ou semi-esféricos, de fundos redondos ou achatados. Pasta carbonizada, alguns deles com revestimento mais fino, alaranjado ou cinzento acastanhado.

Ídolos-placas de xisto (Est. XVII):

- 1 — Placa de xisto de formato sub-trapezoidal com um só orifício na parte superior. Uma das faces lisa; a outra decorada com zonas consecutivas de triângulos preenchidos com quadriculado, alternando com triângulos vazios. À volta do orifício uma zona lisa tendo de cada lado zonas de paralelas preenchidas com quadriculado limitado inferiormente por uma barra percorrida por perpendiculares.
0,1693 × 0,0921 × 0,0068.

- 2 — Placa de xisto de formato sub-trapezoidal. Uma das faces lisa, a outra decorada com zonas consecutivas de triângulos preenchidos por linhas paralelas, alternando com triângulos vazios. Na parte superior dois orifícios numa zona triangular lisa tendo de cada lado uma decoração em espinha. Na face lisa duas linhas incisas, cruzando-se superiormente.
0,211 × 0,0974 × 0,0477 × 0,0079.
- 3 — Ídolo de xisto em forma de báculo ou machado encabado. Uma das faces lisa; a outra decorada com zonas de triângulos preenchidos com quadriculado, alternando-se com triângulos vazios.
0,212 × 0,0848 × 0,009.
- 4 — Pequena placa de xisto de formato mais ou menos sub-rectangular. Uma das faces lisa; a outra decorada com zonas de triângulos preenchidos com quadriculado, alternando com triângulos vazios. Na parte superior um orifício numa zona triangular vazia, limitada por faixas preenchidas com quadriculado.
0,1312 × 0,0513 × 0,0058.

Anta II da Herdade da Moita (Est. VI): Como já anteriormente referi, fica este monumento situado apenas a 51,50 m a sul do anterior. Porém, ao contrário do que acontece com aquele, o estado de conservação deste é bastante precário.

Antes de procedermos à escavação, o estado do monumento era tal que, apesar de se encontrarem todos os esteios existentes visíveis numa maior ou menor extensão, a sua configuração só nos foi revelada com o andamento dos trabalhos.

O terreno, tanto exterior como interior à anta, encontrava-se remexido pelo arado o que também contribuiria para o desvio dos esteios e o desaparecimento progressivo da mamôa, actualmente quase ao nível natural.

Depois da escavação chegamos à conclusão de que se tratava dum monumento em forma de galeria rectangular, constituída por nove esteios (falta-lhe a pedra-mestra) ocupando uma área de 4,20 m de comprimento por 1,70 m de largo.

Os quatro esteios que constituem a ala direita, encontram-se todos deslocados da sua posição primitiva, devido à pressão que contra eles exercia a oliveira que descansava o seu maior peso sobre os esteios *b* e *c* obrigando o primeiro a inclinar-se para diante e o segundo para a recta-guarda. O esteio *d*, de formato paralelipédico, com a base deslocada

para diante, inclina-se obliquamente sobre a mamôa. Nesta ala, apenas o esteio *a*, ligeiramente inclinado para diante, conservou a sua posição normal.

Os cinco esteios da esquerda foram menos afectados mas são idênticos aos da direita na irregularidade do formato e do tamanho. Assim, o esteio *e*, muito irregular, inclina-se para a esquerda; o esteio *f* mais elevado, encontra-se mais ou menos intacto; o esteio *g* tinha a parte superior rente ao nível da mamôa; os esteios *h* e *i* apresentam-se pouco afectados, avançando este último o flanco para o interior, para formar o esteio *a* a porta com 0,85 m de largo. Esta volta-se a E-SE.

A altura dos esteios — de dimensões muito desiguais — varia entre 1,30 m (esteio *i*) e 0,80 m (esteio *b*), não indo a superfície enterrada além de 0,70 m, altura em que se encontrou o chão natural.

A cabeceira desta galeria encontra-se obstruída por dois grande megalitos arremessados um sobre o outro — dois chapéus, desviados da sua posição primitiva.

A alguns metros de distância, na direcção norte, sobre a mamôa, encontra-se ainda um outro megalito granítico — material empregado em todo o monumento — informe, não se assemelhando nem a esteio, nem a chapéu, mas pertencente ao mesmo conjunto, pois, como já se disse, só se encontra esta rocha a alguns quilómetros de distância; junto do esteio *e* e apenas aflorando o terreno, desenterramos outro megalito deitado horizontalmente e afeiçoado em forma de esteio.

Espólio (Est. XVII): A primeira e segunda camadas apresentaram um espólio insignificante, constituído por alguns fragmentos de cerâmica carbonizada, frágil, de mistura com fragmentos de cerâmica romana e grandes fragmentos de cerâmica espessa, mais ou menos recente.

A partir do último extracto da segunda camada e na terceira encontraram-se os seguintes objectos:

- 5 — Machado de pedra, polido. Formato trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores levemente convexas, convergindo mais acentuadamente para formar o gume. Este levemente convexo, com vestígios de uso. Faces laterais planas, desiguais.

Dimensões: 0 1265 — 0,0603 × 0,0389 — 0,037.

- 6 — Machado de pedra, incompletamente polido. Formato trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores profundamente abauladas, convergindo para ambos os topos. Gume levemente convexo, gasto. Faces laterais desiguais.
Dimensões: 0,1373 — 0,0447 × 0,0278 — 0,043.
- 7 — Machado de pedra, completamente polido. Formato sub-trapezoidal. Secção ovalada. Faces convexas, convergindo no gume. Este convexo e com vestígios de uso. Lado oposto arredondado.
Dimensões: 0,01077 — 0,0578 × 0,023 — 0,0355.
- 8 — Machado achatado de pedra, polido. Formato sub-trapezoidal. Secção sub-rectangular. Faces maiores convergindo junto dos topos. Gume levemente convexo e oblíquo com vestígios de uso. Lado oposto quebrado. Faces laterais levemente convexas, desiguais.
Dimensões: 0,1238 — 0,0617 × 0,0264 — 0,019.
- 10 — Ponta de seta de sílex de base côncava. Faces completa e finamente retocadas. Bordos finamente retocados.
- 11 — Ponta de seta de base convexa. Uma das faces plana e apenas retocada marginalmente; a outra abaulada e completamente retocada.
- 12 — Ponta de seta de sílex de base levemente côncava. Faces abauladas e retocadas marginalmente.
- 13 — Ponta de seta de quartzo de base recta. Esta e os bordos retocados.
- 14 — Ponta de seta de sílex de base triangular com barbelas laterais. Parte superior quebrada. Retoque marginal.
- 15 — Sílex trapezoidal de secção também trapezoidal. Base e bordo transverso retocados. Os outros dois bordos apenas retocados na aresta.
- 16 — Ponta de seta de sílex, levemente encurvada. Base convexa. Esta e os bordos retocados.
- 17 — Lâmina de sílex, espessa, levemente encurvada. Secção trapezoidal. Faces desiguais. Bordos e um dos topos, com vestígios de bolbo de percussão, retocados. O outro topo quebrado.

O espólio cerâmico foi muito escasso. Nenhum vaso completo e apenas quatro fragmentos insignificantes, sem possibilidades de reconstituição. Pasta carbonizada interiormente — dois dos fragmentos espessos, são revestidos de uma camada mais fina alaranjada; nos outros dois a cor exterior é castanha acinzentada.

CONCLUSÕES

Baseando-se nas conclusões a que chegou Manuel Heleno, conseqüentes das explorações realizadas em Antas das regiões de Siborro e Montemor, nos resultados publicados por Virgílio Correia em *El Neolítico*

de Pavia e por G. e Vera Leisner sobre um grupo vasto de dólmenes de Reguengos de Monsaraz e de outros pontos do Alentejo, os arqueólogos portugueses da nova geração têm sido levados a distinguir dois grupos principais de construções dolmênicas no Alentejo (4):

I — Grupo primitivo.

II — Grupo evolucionado.

Ao primeiro grupo pertencem todos os dólmenes constituídos por uma câmara simples, rectangular ou arredondada, sem corredor; o material neolítico destes monumentos é constituído por pontas de sílex trapezoidais, indicando uma persistência das indústrias líticas peninsulares anteriores; machados, em geral, redondos, por vezes também de secção trapezoidal, polidos simplesmente no gume e picados na restante superfície; cerâmica pobre, constituída por vasos semiesféricos sem decoração e pasta com mistura de impurezas — carvão, mica, sílica, etc. Não aparecem as placas-ídolos tão abundantes e característicos da segunda fase.

Ao segundo grupo pertencem os dólmenes constituídos por câmara poligonal ou arredondada e corredor, podendo distinguir-se neste grupo algumas variantes; câmara ligeiramente oblonga e corredor um pouco mais estreito, mas da mesma altura (tipo de transição); corredor incipiente constituído por dois esteios colocados à entrada da câmara; câmara poligonal ou arredondada e corredor mais estreito e mais baixo. Este último é considerado o tipo mais evoluído.

Estes dólmenes, relativamente aos do primeiro grupo, caracterizam-se por uma maior complexidade, quer no que diz respeito à arquitectura, quer ao material, mais rico e variado: os sílices trapezoidais começam a rarear, substituídos por pontas de seta com base côncava, convexa, pedunculada ou simplesmente recta, com os bordos retocados ou um retoque facial completo. Persiste o material de pedra polida, mas a técnica é diferente. A técnica do picado desaparece substituída pelo polimento completo ou par-

(4) Esta classificação foi proposta pelo Prof. Dr. Manuel Heleno nas suas lições na Faculdade de Letras de Lisboa.

cial das faces. Na cerâmica persiste, até certo ponto, a rudeza e simplicidade primitiva, não atingindo nunca nem a riqueza decorativa da que se encontra nas grutas naturais e artificiais de que o centro do nosso País é rico nem a perfeição da de Almeria e Alcalar. No entanto, por vezes, enriquece-se e apresenta modelos que reflectem as duas influências como acontece com algumas das espécies pertencentes à Anta I da Herdade da Moita. Mas, além da maior variedade de modelos de cerâmica e a confecção de modelos novos de sílex — além das pontas de seta, aparecem pontas de lança, alabardas — o que se revela de mais típico nesta nova face da cultura megalítica ocidental, são as célebres placas-ídolos trepezoidais ou encurvadas de xisto, com valor simbólico-religioso, características desta cultura, e que traem a chegada de novas influências culturais.

Os defensores da tese orientalista têm pretendido explicar os dólmens mais simples, que designamos por primitivos, como uma degenerescência dos mais complexos, isto é, os da segunda fase. Segundo aqueles arqueólogos esta degenerescência seria uma consequência da imitação pelos indígenas do tipo mais complexo, chegado do Oriente, as *tholoi*.

Embora a tese orientalista, brilhantemente desenvolvida por Gordon Childe, consiga explicar a maior parte das manifestações culturais eneolíticas, quando se trata da cultura megalítica ocidental, é de aconselhar uma certa reserva para evitar exageros e contradições.

O arcaísmo mais acentuado do mobiliário dos dólmens em forma de câmara rectangular — se não se trata dum caso de degenerescência difícil de explicar, mas que não é impossível — parece querer indicar que estamos em presença duma evolução e não dum retrocesso. A não ser que se aceite a hipótese posta por Glyn Daniell da existência de duas linhas megalíticas independentes, representadas respectivamente pelas câmaras megalíticas e pelas criptas dolménicas, estas com origem nos *tholoi* orientais, não se pode, na verdade, negar a existência de uma evolução em sentido ascendente ou descendente, notória através do aparecimento nas criptas dolménicas, das placas-ídolos de xisto e de material de sílex muito mais variado. Por outro lado, observa-se simultaneamente com esse material novo, a persistência, nos dólmens da segunda fase, de tipos que se revestem de um arcaísmo que, aliado a uma persistência de modelos, diferen-

tes apenas no grau de aperfeiçoamento, levam a admitir uma sequência evolutiva entre o material do grupo mais simples e do grupo complexo.

Esta evolução ter-se-ia operado sob influência da cultura do Sudeste na sua deslocação em busca das rotas do cobre, através da Andaluzia e Alentejo e que até nós transportou as *tholoi*, modelos das futuras Antas alentejanas? Ou viria até nós directamente do Oriente, através da emboadura do Tejo e do Sado?

Este problema está longe de se considerar solucionado, porquanto as explorações feitas neste domínio pecam por insuficientes e imperfeitas.

No entanto, os trabalhos publicados ultimamente pelos esposos Leisner sobre os dólmenes de Reguengos e, anteriormente, os trabalhos dos mesmos investigadores sobre os de Huelva, parecem esboçar a existência de uma interpenetração terrestre por influências e concessões mútuas das duas correntes culturais, a peninsular megalítica e a introdutora das *tholoi* mediterrânicas, ambas possessoras de necessidade expansional. Desta interpenetração, teria, pois, resultado, a cripta dolménica peninsular.

O Prof. Manuel Heleno não é desta opinião. Pensa, ao contrário, que a evolução da arquitectura funerária ocidental, foi devida à influência da arquitectura civil, documentada nos fundos das cabanas das nossas povoações eneolíticas.

Mas, se a influência sobre o material é indiscutível e, para o confirmar, chamo a atenção para alguns exemplares bem característicos publicados neste trabalho, vasos n.ºs 28 e 29 da Est. XIV, não me parece ousado admitir que aquela influência condicionasse também a evolução arquitectónica.

Posto o problema da origem e evolução da cultura dolménica no Ocidente Peninsular, procurarei, de harmonia com o quadro proposto, situar e interpretar os monumentos por mim explorados.

No primeiro grupo, ou *grupo simples*, abundante nesta região, mas de que apenas tenho poucos e mal conservados exemplares, situarei as sepulturas I e II da Barroca, de formato rectangular, com material neolítico, muito pobre — sílices trapezoidais, lascas retocadas, cerâmica neolítica e machados picados. Além destas duas sepulturas, ainda incluo neste grupo, a pequena Anta do Montinho, também sem corredor e de formato poli-

gonal. Porém, a ausência de material lítico nessa anta, não nos permite uma confirmação.

Apesar do número reduzido de monumentos e da pobreza do espólio, no entanto, os aqui apresentados são suficientes, senão para architectar, para corroborar um hipótese elaborada sobre dados mais vastos.

No segundo grupo, ou *grupo evolucionado*, situam-se, sem dúvida, a Anta I da Herdade de Tera e a Anta I da Herdade da Barroca. Pela configuração architectónica, câmara e corredor muito diferenciados e espólio eneolítico, ainda que com algum material arcaizante, são monumentos que situaremos no eneolítico pleno.

As Antas I e II da Herdade da Moita, a primeira das quais de espólio numeroso e variado, exigem um exame minucioso e cuidado.

Começemos pela Anta I:

O material de sílex desta anta, num total de 96 pontas de seta e 19 lâminas, bastante numeroso, não se pode dizer que seja notável pela qualidade. As pontas de seta — entre as quais se destacam 14 exemplares de xisto e 8 de cristal de rocha — apresentam formatos variáveis — bases côncavas, convexa e recta e, ainda, algumas poucas de base pedunculada. A maior parte delas, porém, apresenta um aspecto arcaizante, construídas, em grande parte, sobre fragmentos de lâmina de secção triangular ou trapezoidal, algumas mesmo levemente encurvadas. São poucos os exemplares onde uma das faces não se apresente plana e apenas com a aresta retocada. O retoque facial delicado e completo como o do exemplar n.º 10 da Est. XVII, pertencente à Anta II da mesma Herdade, não se verifica em nenhuma delas. Mesmo quando aquele atinge toda a superfície — só em raros exemplares — esse retoque é sempre grosseiro. Em compensação o retoque dos bordos mereceu um maior cuidado e há vários exemplares com aqueles finamente serrilhados.

Apesar do aspecto arcaizante das pontas de seta, é de notar, contudo, que os micrólitos trapezoidais, tão frequentes nas antas do chamado tipo primitivo, são representados neste monumento por um único exemplar (n.º 37, da Est. IX).

Quanto às lâminas, apenas em número de 19, são, na sua maioria, encurvadas, mais ou menos espessas e retocadas marginalmente.

O material de pedra polida — com excepção de um escopro (n.º 66,

da Est. XII) reduz-se na sua totalidade a machados e enxós que se elevam a 67 exemplares. Nesta elevada soma são muito poucos os exemplares de secção redonda ou ovalada. Predominam os de formato trapezoidal, de secção sub-rectangular, com polimento imperfeito e incompleto — num grande número de exemplares, este reduz-se apenas às faces maiores. Ao lado destes exemplares de anfibolito e basalto, aparecem alguns machados e grande quantidade de enxós xistosas, achatadas e com polimento imperfeito.

As placas-ídolos em número de 4 — incluindo a placa encurvada ou machado encabado — têm todas uma das faces lisa e apenas a outra com desenhos geométricos que, em duas delas, atingem grande perfeição. Não apresentam, porém, nenhuma nota especial e são antes do tipo comum, frequente nas antas alentejanas. A placa encurvada (n.º 3, Est. XVII) e a placa trapezoidal de maiores dimensões (n.º 2, Est. XVII), ambas quebradas pelo meio, assentavam sobre uma lage de superfície larga e achatada, colocada propositadamente para servir de base.

Por fim, a cerâmica, sem dúvida o material mais variado de todo o espólio, é também aquele que merece maior interesse.

Quer em fragmentos, em grande quantidade nas primeiras camadas, quer em forma de vasos completos ou reconstituíveis, frequentes nas últimas, o espólio cerâmico foi abundantíssimo em todo o monumento, mas principalmente à entrada da câmara, na última camada, onde formavam verdadeiros cachos em número de seis e mais, colocados em posições variadas — bordo voltado para baixo, bordo voltado para cima ou, ainda, deitados lateralmente.

Entre os vasos inteiros ou reconstituíveis, em número de 60, predominam as formas semi-esféricas e as de perfil lateral côncavo ou cilíndrico e fundo convexo; aparecem ainda alguns cônicos, esféricos e em calote esférica. Predominam os exemplares lisos, típicos destes monumentos, mas há alguns exemplares decorados com mamilos dispostos à volta do bordo, com relevos curvilíneos ou verticais e os exemplares n.º 28 e 29, Est. XIV, com uma decoração que pode ser interpretada como uma tentativa antropomórfica, lembrando mesmo alguns exemplares de los Millares, e que, por serem raros nos espólios dolménicos e porque podem trazer alguma luz sobre o problema das interferências culturais peninsulares, já foram referidos anteriormente.

A pasta é rija, fortemente carbonizada no interior. A superfície exterior varia entre o acastanhado e o avermelhado com manchas de fumo.

Da análise do material e observação da planta deste monumento — câmara arredondada e corredor longo, mas cujos esteios são apenas levemente mais baixos do que os da câmara — podemos concluir que se trata de um dólmen pertencente ao tipo evoluído, apesar de grande quantidade de material com aspecto arcaizante que revelou o seu espólio.

Quanto à Anta II da mesma Herdade, logo um problema de difícil solução se nos levantou, ao estabelecermos o confronto entre a arquitectura — uma galeria rectangular — e o material, idêntico ao da sua vizinha, tendo mesmo algum dele (ponta de seta n.º 10, Est. XVII) carácter mais evoluído.

Analisemos, pois, o espólio:

Tanto a lâmina (n.º 17, XVII), característica de espólios mais tardios, como as pontas da seta que, se alguns dos exemplares podem ser atribuídos a uma época mais antiga — são pelo menos contemporâneas dos da Anta I, no entanto, há um exemplar (n.º 10, Est. XVII) cuja cronologia é francamente eneolítica. Nenhum dos exemplares encontrados na Anta I se lhe compara pela perfeição e finura do retoque que cobre completamente ambas as faces.

Os machados repetem as formas dos da Anta I. Se há um exemplar de secção oval e picado, os outros três, porém, de formato trapezoidal, secção sub-rectangular, e polidos, colocam, da mesma forma, o monumento numa época próxima da do seu vizinho.

Por último, apenas nos resta a Anta II da Herdade de Tera, cuja falta de material não permite largas conclusões. Porém, pela configuração arquitectónica — corredor pouco diferenciado e no prolongamento da câmara rectangular — parece tratar-se de um monumento do tipo de alguns estudados por Virgílio Correia na Herdade da Figueira — hoje integrada na de Tera — e que, pela conformação e espólio, são considerados monumentos de transição.

Le premier de ces points est l'absence de...

Le second de ces points est l'absence de...

Le troisième de ces points est l'absence de...

Le quatrième de ces points est l'absence de...

Le cinquième de ces points est l'absence de...

Le sixième de ces points est l'absence de...

Le septième de ces points est l'absence de...

Le huitième de ces points est l'absence de...

Le neuvième de ces points est l'absence de...

Le dixième de ces points est l'absence de...

Le onzième de ces points est l'absence de...

Le douzième de ces points est l'absence de...

Le treizième de ces points est l'absence de...

Le quatorzième de ces points est l'absence de...

Le quinzième de ces points est l'absence de...

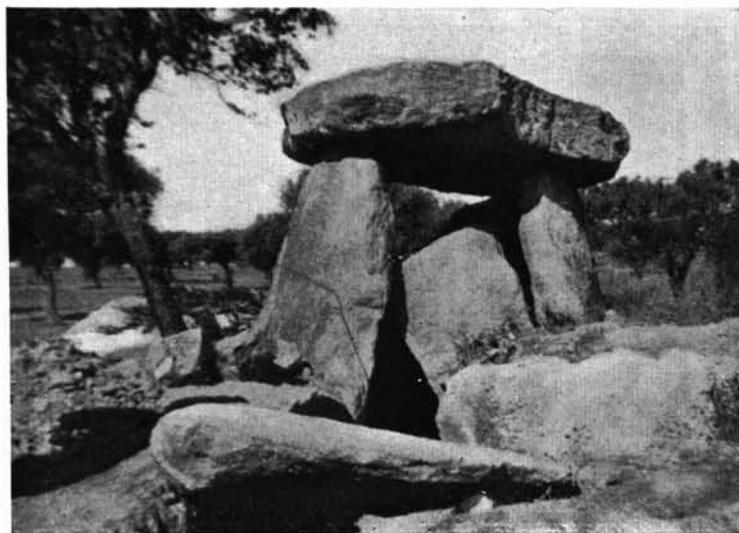
Le seizième de ces points est l'absence de...

Le dix-septième de ces points est l'absence de...

Le dix-huitième de ces points est l'absence de...

Le dix-neufième de ces points est l'absence de...

Le vingtième de ces points est l'absence de...



ANTA 1 DE TERA

- 1 — VISTA DO SUL — ANTES DA ESCAVAÇÃO
2 — VISTA DE NASCENTE — DEPOIS DA ESCAVAÇÃO



ANTA II DE TERA

- 1 — VISTA DE SUDESTE — DEPOIS DA ESCAVAÇÃO
2 — MEGALITO COM PETROGLIFOS



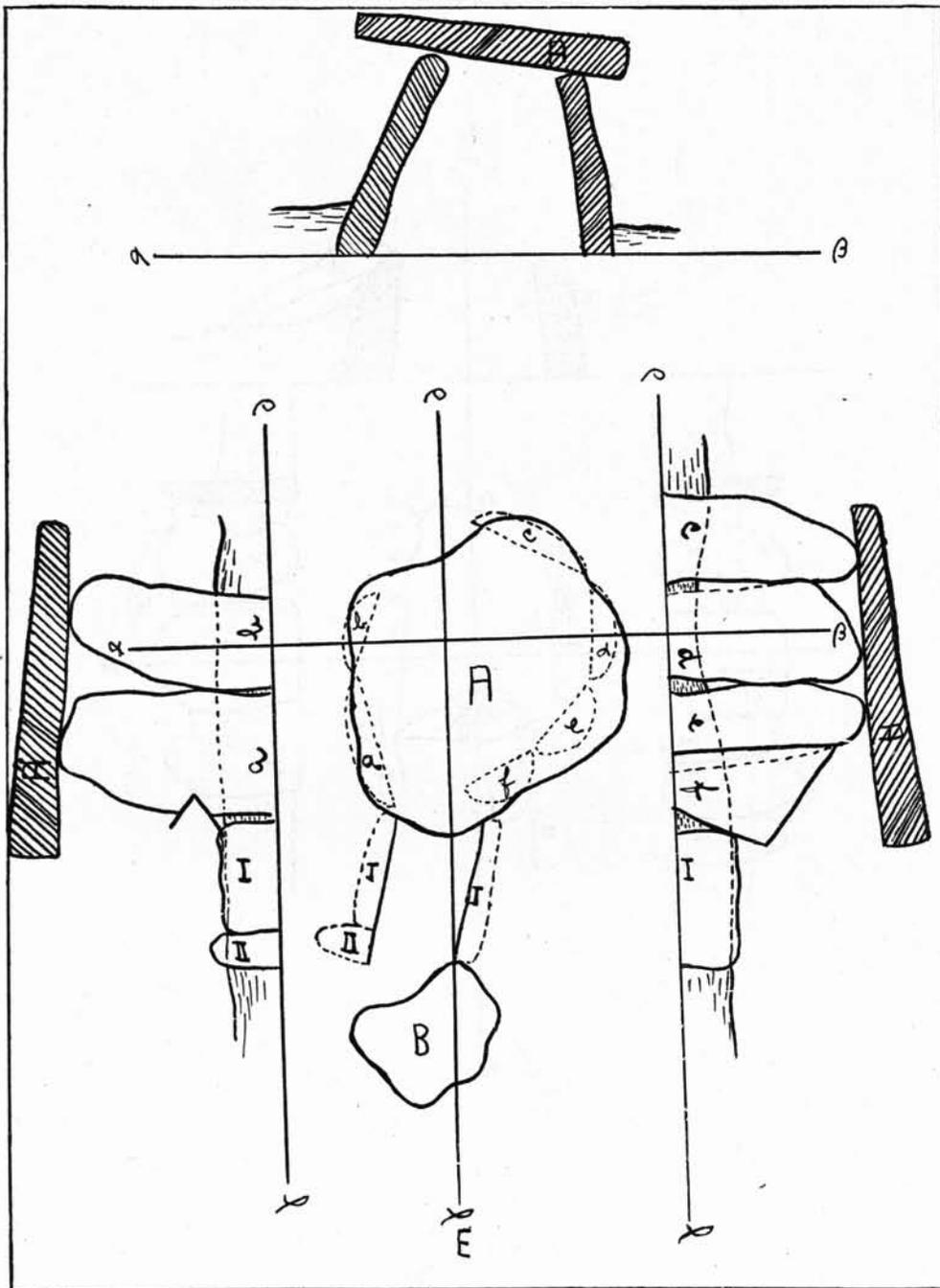
- 1 — ANTA DO MONTINHO VISTA DE NASCENTE, ANTES DA ESCAVAÇÃO
2 — LOCAL X ONDE FOI ENCONTRADA A SEPULTURA DA BARROCA, ANTES DA ESCAVAÇÃO

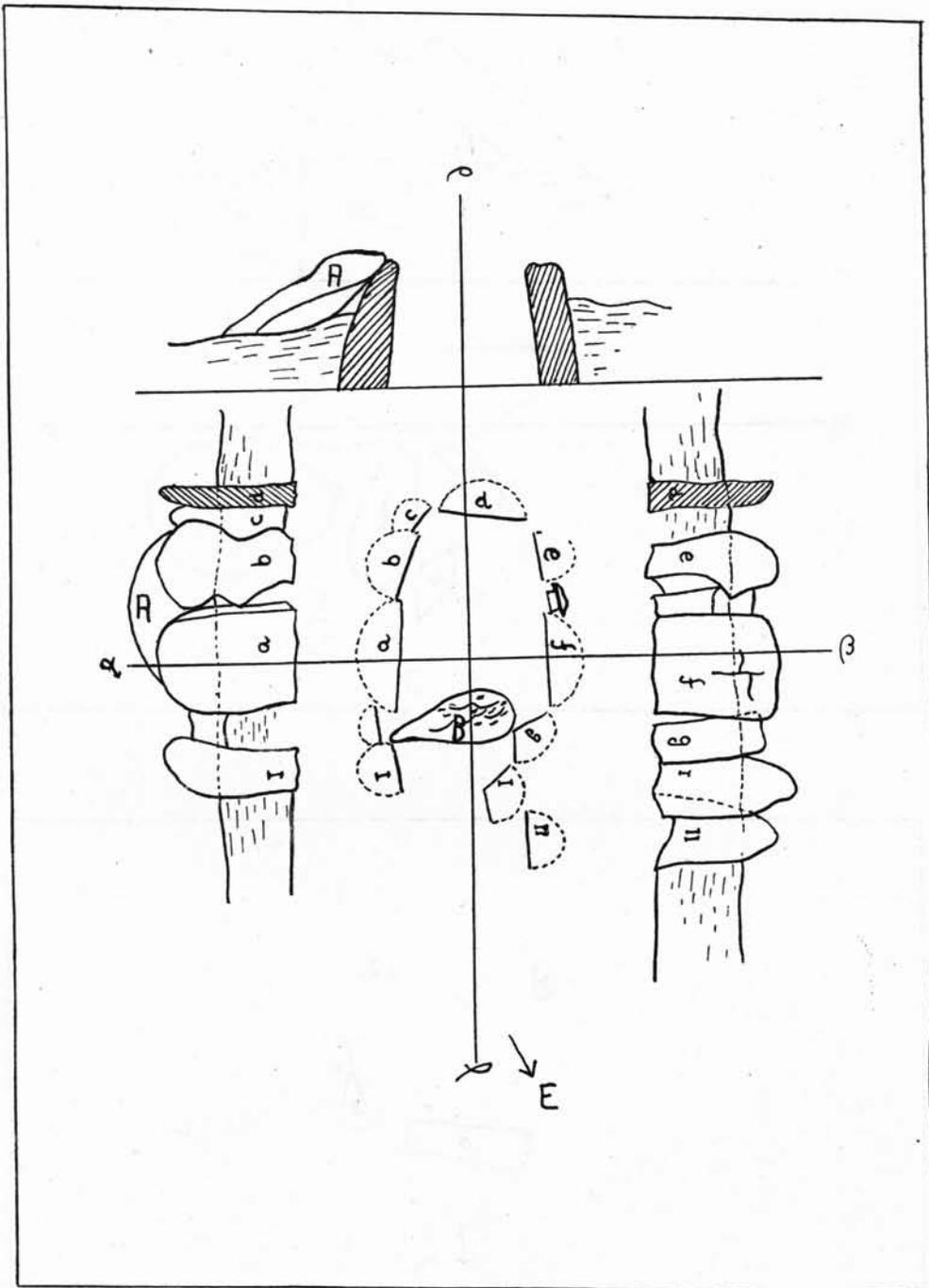


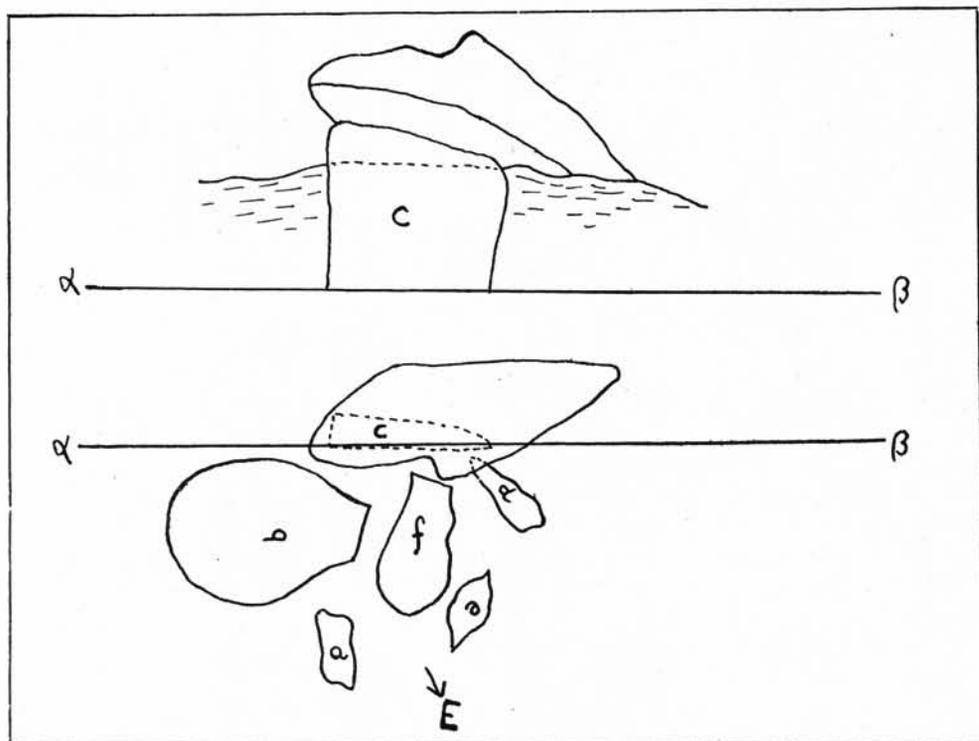
1 — ANTA I DA BARROCA, VISTA DE NASCENTE, DEPOIS DA ESCAVAÇÃO
2 — ANTA I DA MOITA, ENTRADA DO CORREDOR, DEPOIS DA ESCAVAÇÃO



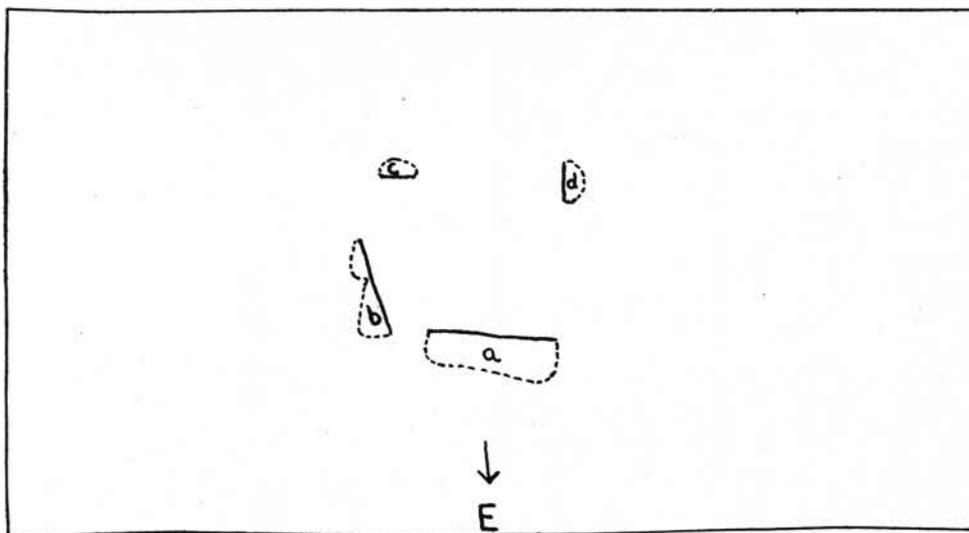
1 — ANTA I DA MOITA, VISTA DO SUL, DEPOIS DA ESCAVAÇÃO
2 — ANTA II DA MOITA, VISTA DO SUL, DEPOIS DA ESCAVAÇÃO







N.º 1



N.º 2

